

Entre duas civilizações: O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes

Maria Margarida da Silva Faria Capitão

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda ou Estrangeira, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Rosário Pimentel

Março, 2012

*Dedico o presente estudo a todos aqueles
que se encontram em permanente descoberta.*

Entre duas civilizações
O universo de leituras em Wenceslau de Moraes

Maria Margarida da Silva Faria Capitão

PALAVRAS-CHAVE:

Wenceslau de Moraes, escrita-documentário, Oriente, Ocidente, Exílio, Saudade.

KEYWORDS:

Wenceslau de Moraes, written-documentary, Orient, Occident, Exile, Longing/Homesickness

RESUMO

O presente estudo das obras *Traços do Extremo Oriente* e *Notícias do Exílio Nipónico* de Wenceslau de Moraes, terá por objectivo reflectir sobre a importância da técnica do documentário em literatura, como forma de descobrir e dar a conhecer outras culturas diferentes da nossa.

Neste sentido, as suas obras são de extrema importância a nível cultural e enquanto reflexo do pensamento português no mundo e sobre o mundo; encontramos em cada palavra sua o cruzamento de ideias e de história, de imaginários e realidades.

A importância da abordagem deste autor aquando do ensino do português deverá ser feita, não apenas à luz de todo um passado de conhecimento e de relação entre Portugal e o Japão mas, principalmente, através do olhar interessado, de amadurecimento e de profunda reflexão que o autor nos oferece.

Actualmente, é cada vez mais importante documentar, revelar, dar a conhecer todas as realidades que nos circundam e aprender a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, a acolher o outro sem imagens pré-concebidas, a respeitar as diferenças e a compreender novos pontos de vista. Neste aspecto, Wenceslau de Moraes foi um verdadeiro humanista.

A presente dissertação procura responder às seguintes questões:

- Qual a importância da escrita diária, dos relatos de viagens ou apontamentos das observações, para o ensino de uma língua e de uma cultura?
- É ou não a escrita de Wenceslau de Moraes um mito, no sentido de epopeia?
- Serão as suas obras reflexo de um mero conhecimento enciclopédico?
- Afinal, o que será ensinar, tendo como imagem a figura de Wenceslau de Moraes?

The present study analyzes the works *Traços do Extremo Oriente* and *Notícias do Exílio Nipónico* of Wenceslau de Moraes, and will aim to reflect about the importance of the documentary technique in literature, as a way to discover and to make known other cultures, so different from ours.

In this sense, his works are of extreme importance to culture and as a reflection of the Portuguese thought in the world and about the world; in every word we found the ideas, history, imagination and reality intersection.

The importance of approaching this author at the teaching of Portuguese should be done not only in the light of the ancestor knowledge and relationship between Portugal and Japan, but mainly through the interested eyes, maturity and deep reflection offered to us by the author.

At present, it is more and more important to document, reveal, make known all the realities that surround us, and learn the ability to put ourselves in the place of another, learn to accept each other without pre-conceived, learn to respect differences and understand new points of view. In this respect, Wenceslau de Moraes was a true humanist.

This dissertation attempts to answer to the following questions:

- What is the importance of diary writing, of travel notes and observations, for the teaching of a language and a culture?
- Is it or is not the writing of Wenceslau de Moraes a myth, in the sense of epic?
- Is his work a reflection of a simple encyclopaedic knowledge?
- After all, what is teaching based on the figure of Wenceslas de Moraes?

Índice

INTRODUÇÃO - ENTRE DUAS CIVILIZAÇÕES: A ENTREGA A ESSE OUTRO QUE ME TORNO EU	1
1.A Temática	1
2. A Problemática.....	3
3.A Metodologia	3
4.Objectivo	4
5.A Estrutura.....	4
1 – ESTADO DA ARTE	7
2 - WENCESLAU DE MORAES – VIDA E OBRA	10
3 - AS RELAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE – A INFLUÊNCIA DOS PORTUGUESES NO ORIENTE DO SÉCULO XVI ATÉ À ACTUALIDADE	17
4 - A OBRA DE WENCESLAU DE MORAES ENQUANTO DOCUMENTÁRIO (O REALISMO, O NATURALISMO, O IMPRESSIONISMO) – RELATOS DO POVO JAPONÊS EM PORTUGUÊS	29
4.1 - TRAÇOS DO EXTREMO ORIENTE – RETALHOS	33
4.2 - NOTÍCIAS DO EXÍLIO NIPÓNICO – POSTAIS ILUSTRADOS	37
4.3 - RELATOS DO POVO JAPONÊS EM PORTUGUÊS	39
5- O EXÍLIO, A SAUDADE – “PINTURAS” NA OBRA DE WENCESLAU DE MORAIS	44
5.1 - EXÍLIO.....	44
5.2- SAUDADE	46
6 - A IMPORTÂNCIA DE SER O INTÉRPRETE NO ENCONTRO DE DUAS CIVILIZAÇÕES – WENCESLAU DE MORAES HUMANISTA	49
7 – CONCLUSÃO – WENCESLAU DE MORAES: PALAVRA E IMAGEM ENTRE DUAS CIVILIZAÇÕES.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
WEBEGRAFIA	60
ANEXOS DOCUMENTAIS	I
1.FOTOBIOGRAFIA	I
2.TESTEMUNHOS HISTÓRICOS	IX

INTRODUÇÃO - ENTRE DUAS CIVILIZAÇÕES: A ENTREGA A ESSE OUTRO QUE ME TORNO EU

O presente estudo das obras *Traços do Extremo Oriente* e *Notícias do Exílio Nipónico* de Wenceslau de Moraes, terá por objectivo reflectir sobre a importância da técnica do documentário em literatura, como forma de descobrir e dar a conhecer outras culturas; procura reflectir sobre a questão da alteridade, o pormo-nos no lugar de um outro que não somos nós, o descobrirmos uma outra cultura radicalmente diferente da nossa e a escolha da entrega a esse outro que me torno eu. Não é apenas o Oriente visto pelos olhos de um ocidental. É o Oriente vivido, o Oriente sentido primeiramente a nível físico, para ser depois incorporado espiritualmente.

Wenceslau de Moraes, longe da figura do heróico marinheiro e conquistador vaidoso, é a imagem sublime do viajante humanista. Enquanto oficial da armada portuguesa passou por Moçambique, por Timor, leccionou no liceu em Macau e foi cônsul no Japão, onde viria a terminar os seus dias. As obras de Wenceslau de Moraes são de extrema importância a nível cultural e enquanto reflexo do pensamento português no mundo e sobre o mundo; encontramos em cada palavra sua o cruzamento de ideias e de História, de imaginário e realidade.

1. A Temática

O que inicialmente poderia ser um comum relato de viagens torna-se testemunho do destino de um português que adopta uma cultura e costumes diferentes da terra onde nasceu. A sua escrita vai evoluindo com o conhecimento e a entrega a este novo mundo. Os textos, enriquecidos com descrições cada vez mais vivas e sensitivas, transportam o leitor para esta terra distante. Este relato é feito ao estilo de um diário ou registo de correspondência. Não deverá ser lido de uma forma fugaz, é preciso saborear, sentir os cheiros, deixarmo-nos embrenhar nas cores e no ambiente desta civilização tão distante do mundo ocidental, e que desde sempre seduziu os espíritos mais inquietos com imagens de um cenário idílico e quente. Quase que sentimos os cheiros dos cozinhados e dos odores corporais, quase que nos sentimos perdidos no meio daqueles “verdadeiros enxames de gente”¹.

A época de Wenceslau de Moraes caracteriza-se nas artes plásticas pelo impressionismo, e na literatura pelo naturalismo e realismo. Apesar de ao longo da sua vida se ter afastado e criticado o modo de vida ocidental, e consequentemente ter-se retirado também desse meio cultural pela distância física, estas correntes são de alguma forma visíveis na sua escrita de carácter autobiográfico, relatando as suas experiências e vivências, descrevendo também a vida, a cultura e os costumes nipónicos. As obras em estudo são uma verdadeira prova de que a sua escrita, mais do que factual, é apaixonada, repleta de sensações visuais, apelando ao esgotamento dos sentidos.

Os seus textos, todos eles datados, podem ser vistos como documentários, curtas-metragens que fixam instantâneos do quotidiano vivido, através dos quais o autor retrata com elegância a paisagem idílica, venera a *musumé* (mulher japonesa) e descreve a perfeição artística do Japão. Através desta escrita-documentário o autor consegue captar momentos verdadeiramente singulares, transportando o leitor da realidade, através da palavra escrita, para um imaginário visual. Nem sempre esta viagem é feita de belas paisagens e alegres encontros. A temática do exílio e da saudade é recorrente nos seus escritos, sentimentos presentes naquele que deixa a sua pátria para se descobrir numa outra. No prefácio à 1ª Edição de Janeiro de 1895, escreve o editor seu amigo, Vicente Almeida d'Eça sobre o autor: “encontra-se em Wenceslau de Moraes a nota triste, a funda compreensão das misérias humanas, o fácil apanhar de um facto que a outros se afiguraria trivial mas que, bem estudado, encerra um mundo de considerações”.²

Estas experiências pessoais são testemunhadas não apenas como factos, mas com o calor de quem sente o que vê. A escrita de Moraes é uma “escrita auto-reflexiva em primeira pessoa”³, vivendo do espontâneo e da emoção. Sendo a palavra expressão do sentimento, tudo o que nos toca deve ser dito. O que é dito resulta da observação curiosa e do interesse do nosso viajante, que se torna simultaneamente

¹ Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1974, p. 29.

² *Idem, Ibidem*.

³ *A Vertigem do Oriente, Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Lisboa-Macau: Edições Cosmos – Instituto Português do Oriente, 1999, p. 234.

espectador, pintor e juiz. Aqui, o sentido mais aguçado será a visão, as suas impressões fazem desenhar no nosso imaginário “um perpétuo carnaval de usos exóticos”.⁴

A motivação que está por detrás do desenvolvimento do tema da dissertação, está relacionada com o facto de actualmente ser cada vez mais importante documentar, revelar, dar a conhecer todas as realidades que nos circundam, e aprender a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, aprender a acolher o outro sem imagens pré-concebidas, aprender a respeitar as diferenças e a compreender novos pontos de vista. Quando conhecemos verdadeiramente o outro, torna-se incompreensível qualquer justificação para uma guerra. Neste aspecto, Wenceslau foi um verdadeiro humanista.

2. A Problemática

A escolha do tema da presente dissertação provém da realização do trabalho prévio no seminário de Literaturas e Culturas dos Países de Língua Portuguesa, depois do qual a Professora Rosário Pimentel incitou a prosseguir no desenvolvimento desta pesquisa. Como resultado da mesma, foram-se levantando várias problemáticas, como a importância da escrita-documentário como material de estudo para o conhecimento e ensino de uma cultura e de uma língua; se serão ou não as obras de Moraes uma epopeia; se serão ou não as suas obras um conjunto de conhecimentos enciclopédicos; e finalmente, o que está por detrás do acto de ensinar tendo como imagem a figura de Wenceslau de Moraes.

3. A Metodologia

No decurso da presente investigação encontraram-se algumas dificuldades para a sua concretização. Uma delas, a impossibilidade de viajar ao País do Sol Nascente e procurar descobrir as paisagens e sentimentos que despertaram em Moraes a sua escrita e sensibilidade. Outra, fora a impossibilidade da fuga à subjectividade, pois apesar da elaboração de uma dissertação se querer clara e objectiva, facilmente nos vemos embrenhados numa subjectividade inevitável, própria daquele que se revê nas palavras do outro, sobretudo quando há uma identidade entre sujeito e objecto. Mas

⁴ Wenceslau de Moraes, *op.cit.*, p. 126.

independentemente de alguns contratempos, nada impediu que a mesma se construísse com o rigor e com o despertar de ideias próprias, na procura de resposta às problemáticas levantadas. Para tal, seguiu-se a metodologia própria daquele que documenta, e na impossibilidade de percorrer a viagem empreendida por Wenceslau de Moraes, houve a pesquisa de documentos da época, selecção e análise de artigos sobre as temáticas da saudade e do exílio, da troca de correspondência entre o autor e os seus contemporâneos (como Camilo Pessanha), a leitura de estudos (como os de Armando Martins Janeira) sobre a relação entre o Oriente e o Ocidente, a pesquisa de artigos e de exposições na Fundação Oriente, recolha fotográfica e audição de música tradicional japonesa.

4. Objectivo

Compreender o que este português encontrou numa civilização tão diferente da sua, que fez mudar os seus padrões culturais, sempre com os sentimentos do exílio e da saudade presentes na sua alma e no seu coração, sentimentos tão particulares do seu povo; um português que procurou manter um contacto diplomático quer com os seus conterrâneos, quer com os japoneses, mas terminou os seus dias sozinho em Tokushima; e encontrar por fim na imagem de Moraes o exemplo do viajante humanista, o elo de ligação entre culturas, a possibilidade de conhecer o outro e de dar a conhecer também a sua cultura, a sua língua, aquele que reúne em si o eu e o outro. Finalmente, a sua importância no ensino da língua portuguesa como língua segunda ou estrangeira, como exemplo do expoente máximo da possibilidade de união de duas culturas.

5. A Estrutura

Esta dissertação estrutura-se em sete capítulos, seguidos da Referência Bibliográfica, anexos documentais e fotobiografia.

Na Introdução é feita uma breve apresentação do tema, da metodologia adoptada, das questões suscitadas ao longo da pesquisa e os objectivos propostos pela mesma.

No Primeiro Capítulo verifica-se o Estado da Arte, no qual se abordam autores nacionais e estrangeiros, que investigaram e estudaram tanto o homem que foi

Wenceslau de Moraes, como a sua obra literária, procedendo-se a um comentário crítico dessas mesmas teorias, encaminhando o estudo para as problemáticas levantadas.

O Segundo Capítulo é dedicado à vida e à obra de Wenceslau de Moraes, apresentam-se os principais momentos da sua vida, as pessoas mais próximas que com ele conviveram e as obras que foi escrevendo. Para o desenvolvimento deste capítulo foram essenciais as correspondências trocadas entre amigos e familiares, assim como o testemunho fotográfico encontrado.

No Terceiro Capítulo são abordadas as relações históricas e culturais entre o Ocidente e o Oriente no período compreendido entre o século XVI até à actualidade. As principais fontes documentais foram as diversas obras e artigos de Maria de Deus Manso sobre a difusão do cristianismo e a influência dos jesuítas no Oriente, e a obra de Armando Martins Janeira - *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*. Dá-se essencial ênfase ao contributo dos padres jesuítas no ensino da língua portuguesa no Oriente, na criação dos primeiros dicionários bilingues e tradução para japonês dos clássicos da cultura ocidental.

No Quarto Capítulo desenvolve-se a temática da obra de Wenceslau de Moraes enquanto documentário, abordando problemáticas levantadas aquando da leitura de Álvaro Manuel Machado sobre a escrita de Moraes enquanto mito histórico⁵, enquanto exemplo do exotismo orientalista da moda da época e o facto de os seus textos serem um mero conhecimento enciclopédico. Este capítulo subdivide-se noutros três, fazendo-se a análise das duas principais obras em estudo: *Traços do Extremo Oriente* e *Notícias do Exílio Nipónico*, das quais são apresentados excertos exemplificativos do estilo literário do autor; na terceira parte enunciam-se os diversos temas que Moraes apresenta ao longo das suas obras, como os costumes, as lendas, o vestuário, a habitação japonesa, entre muitos outros, revelando que a ideia de interdisciplinaridade está sempre presente.

⁵ “[...]um *mito histórico* no sentido em que António José Saraiva o define ao traçar uma síntese da nossa cultura, relevando o valor fantasmagórico desencadeado na memória de um povo por essa função mítica [...]” – Machado, Álvaro Manuel, *O mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa: Biblioteca Breve/Volume 72, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1983, p. 14.

O Quinto Capítulo é dedicado aos sentimentos da Saudade e do Exílio, recorrentes durante toda a sua vida, ganhando maior expressividade a partir de 1912, data da morte da sua amada O-Yoné.

No Sexto Capítulo faz-se a apresentação de Wenceslau de Moraes enquanto humanista e elo de ligação entre duas culturas totalmente opostas, não só geograficamente, mas quanto à religião, costumes, língua, hábitos e valores.

Por último, o Sétimo Capítulo, dedicado às considerações finais e onde são apresentadas as possíveis respostas às questões sobre a importância da escrita-documentário no ensino da língua e cultura portuguesas e qual o significado do acto de ensinar.

Devemo-nos então entregar ao estudo da sua obra, cuja escrita é altamente subjectiva e que nos faz mergulhar nesse mundo distante e desconhecido, de costumes e de linguagem estranhos ao homem ocidental.

1 – ESTADO DA ARTE

A principal fonte de documentação na presente dissertação é sem dúvida o conjunto de obras do autor em estudo. Wenceslau de Moraes apresenta um tão vasto leque de temas na sua produção literária, que esta é por si fonte essencial nas problemáticas levantadas. No entanto, e devido ao valor de Moraes nas relações diplomáticas e culturais entre Portugal e o Japão, são diversos os autores portugueses e estrangeiros que o referem nos seus estudos e investigações.

Do Japão chegam-nos quase todas as obras de Moraes traduzidas pelo professor “Tomizo Hanano: O Bon-Odori em Tokushima, sob o título Tokushima no Bon Odori (Tóqui, 1935), Serões no Japão, sob o título Nihon Yobanashi (Tóquio, 1936), O-Yoné e Ko-Haru, sob o título O-Yone to Koharu (Tóquio, 1936), Traços do Extremo oriente, sob o título Kyokuto Yuki (Tóquio, 1941), Relance da História do Japão, sob o título Moraes Nihon Rekishi (Tóquio, 1942), Dai Nippon (Tóquio, 1942) e Relance da Alma Japonesa (Nihon Seishin) em 1944 e reeditada em 1954. Esta é seguida de um posfácio sobre «A Vida de Moraes» («Moraesno Shogai»). Hanano escreveu também uma biografia de Wenceslau de Moraes, intitulada Nihonjin Moraesu (O Japonês Moraes), em 1940.”⁶

São vários os investigadores japoneses que participam em traduções conjuntas, em artigos e estudos sobre Wenceslau de Moraes e sobre a presença dos portugueses no Oriente, como Jitsuo Tsukuda, Minako Nonoyama, Katsura Shobo, Kazuo Okamoto, e muitos outros.

Sobre a influência dos portugueses no Oriente, a sua presença e as questões históricas, culturais, humanas, diplomáticas e económicas, surgem diversos estudos a nível nacional. Autores como Armando Martins Janeira, Maria de Deus Manso, João Cosme, José Alberto Leitão Barata, Ana Paula Laborinho, Danilo Barreiros, entre outros, cuja consulta foi imprescindível para a recolha de dados e para uma maior compreensão da história e das ideias no encontro de duas culturas tão diferentes.

⁶ Armando Martins Janeira, *Portugal e o Japão. Subsídios para a história diplomática*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1955, pág. 26.

De entre os nomes citados, tiveram maior relevância para o presente estudo Armando Martins Janeira e Danilo Barreiros, por uma questão de cumplicidade de experiência de vida, da viagem, da permanência no Oriente, do contacto com o Outro e da partilha que vai mais além e que permanece no coração daquele que viaja e se descobre num outro mundo, tal como em Wenceslau de Moraes, e que contribuem para o desenvolvimento cultural e humano fazendo um elo de ligação entre o Ocidente e o Oriente.

Danilo Barreiros, um dos fundadores da Casa de Macau, fez uma excelente abordagem da vida privada e particular de Moraes pela compilação da troca de correspondência que efectuou com João de Sousa Moraes, filho do autor, durante a década de 1940. Sobre o mesmo, escreve na sua obra *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*, que este viveu “torturado pela realidade e pelo seu próprio carácter, instável, angustiado, algo mórbido, céptico, solitário, um tanto provinciano, profundamente saudosista e passivo, insatisfeito e inseguro, mas extremamente crítico, arguto, mordaz e sensível, numa luta que se adivinha de corrosão, desgaste e de desilusão quotidiana.”⁷ Também Danilo Barreiros embarcou num navio rumo ao oriente, com o sentimento de ânsia de fuga comum aos aventureiros. Durante 15 anos viveu em Macau (1931 – 1946), de regresso a Lisboa com mulher e filhos entregou-se ao estudo de Direito, exerceu advocacia, e apesar da distância física o seu espírito esteve sempre em Macau.

Além dos trabalhos publicados na revista “Renascimento”, Danilo Barreiros distinguiu-se pelos estudos sobre Wenceslau de Moraes e Camilo Pessanha e sobre outros temas extremo-orientais relacionados com Macau e a China. Colaborou abundantemente em jornais e revistas, como “A Voz de Macau”, “Diário de Notícias”, “O Dia”, “Diário da Manhã”, “Boletim Eclesiástico de Macau”, “A Voz de Olhão”, “A Capital”, “A Tarde”, “Século Ilustrado”, “Notícias de Lourenço Marques”, “A Noite” e “A Noite Ilustrada” (Rio de Janeiro), “Panorama”, “Persona” e “Mais Alto”, além da revista “Renascimento”, que durou quase três anos, de 1943 a 1945, e onde Danilo Barreiros publicou o seu estudo sobre o dialecto português de Macau.

⁷ Danilo Barreiros, *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*, Lisboa: Instituto Português do Oriente, Livros do Oriente, 1990, p. 7.

Armando Martins Janeira fez uma excelente carreira diplomática e representou Portugal em diversos países europeus, asiáticos e na Austrália. Entre 1952 e 1955 exerceu a função de primeiro Secretário de Delegação de Tóquio, e de 1964 a 1971 como Embaixador de Portugal em Tóquio. Publicou mais de vinte obras e escreveu inúmeros artigos para jornais e revistas. Durante o período que permaneceu no Japão estreitou os laços de ligação e de amizade entre os dois países, participando em diversos congressos orientalistas por todo o mundo. De regresso a Portugal e após a sua aposentação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, volta ao ensino leccionando História Contemporânea das Civilizações Orientais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; funda a Associação de Amizade Portugal-Japão e o Instituto Oriental (actualmente integrado na Universidade Nova).

Numa comparação entre Wenceslau de Moraes e Armando Martins Janeira afirma Ingrid Bloser Martins, viúva deste último:

“Foi Armando que trouxe Wenceslau de Moraes de novo à sua terra, mas nunca procurou ser um segundo Moraes. A comparação incomodava-o, não porque a comparação com um grande escritor o não lisonjeasse, mas porque a sua atitude em relação ao Japão e à cultura oriental era bastante diferente. Dizia Janeira: «Quando chego a Tokushima, a minha primeira visita é sempre para ele. E toda a vez que passo ao fundo da Avenida Shimachi Bashi, digo-lhe adeus, pois, mesmo de longe, o entrevejo no seu medalhão, risonho, como um amigo que está postado à soleira da sua porta.

O percurso destes dois homens é marcado por um encontro muito sui generis com o Japão, e é nesse sentido que se vêem irmanados num mesmo caminho. Como Barthes afirmava: «Viajar é encontrar.»

Wenceslau de Moraes foi transformado pela maneira de viver japonesa; Martins procurou absorver a cultura japonesa e a cultura oriental, sem deixar de ser o que era: considerava-se um estudioso da sociologia da cultura japonesa que completava a sua cultura. [...] Wenceslau, por outro lado, era mais místico e portanto deixou-se encantar mais facilmente pelo Japão. A tragédia de Wenceslau de Moraes reside no facto de ele se ter negado a si mesmo, transformando-se para se moldar ao novo ambiente, e quando por fim se identifica com esse ambiente, a vertente humana repele-o. Não era já inteiramente português. No entanto, os japoneses também não o reconheciam como japonês.

É de assinalar que Armando Martins Janeira deixa bem evidente, na sua prolífera bibliografia, que admirava a coragem de Wenceslau de Moraes por ter arriscado a vida inteira numa experiência em busca da felicidade. Quanto a Martins, apesar da sua índole poética, nunca conheceu tragédia igual.

A vida é feita de pequenas coisas e de raríssimas grandes coisas. As vidas mais felizes nem sequer têm grandes coisas. Neste universo de valores, Martins sentia-se profundamente próximo de Moraes.”⁸

2 - WENCESLAU DE MORAES – VIDA E OBRA

E fugi, e voei, e fui deixando farrapos de alma (...).

Wenceslau José de Sousa Moraes nasceu em 30 de Maio de 1854, na Travessa da Cruz do Torel em Lisboa. Com 17 anos assentou praça voluntariamente em Caçadores 5, que abandonou para entrar na Marinha, concluindo o curso de Escola Naval aos 21 anos. Foi depois promovido a guarda-marinha indo servir em África. Iniciou então um período de viagens a Moçambique com paragens na costa africana e Madeira. Em 1880 foi promovido a segundo-tenente, e em 1885 fez a sua segunda estação em Moçambique seguindo para Timor. Durante essa viagem fez escala em Zanzibar, Colombo, Singapura, Batávia, Macáçar e finalmente, Timor, onde apenas permaneceu um ano, pois foi obrigado a regressar por ordens médicas.

Em 1886, com 32 anos, foi promovido a capitão-tenente. Dois anos mais tarde, em 1888, foi para Macau onde permaneceu até 1898 desempenhando missões no Sião e em Hong-Kong. Nesse primeiro ano começou a escrever a sua primeira obra, *Traços do Extremo-Oriente*, que foi publicada em Portugal em artigos avulsos no jornal *O Correio da Manhã*, sob o pseudónimo de A. da Silva. Moraes era de temperamento introvertido, seguiu a carreira da Marinha por problemas financeiros, mas não se adaptou completamente à mesma. Foi professor de matemática elementar no Liceu de Macau, onde se tornou amigo de Camilo Pessanha e com quem partilhava da mesma sensibilidade poética, recusando uma sociedade materialista e limitadora. Desde cedo entrou em conflito com os valores sociais da sua época, recorrendo à escrita como companheira de solidão e como elemento catártico. Passou a escrever diariamente. Tudo o que escreveu foi o resultado lento de um processo, que iniciou com o esboçar

⁸ In <http://ebookbrowse.com/ingrid-bloser-martins-portugal-e-o-japao-pdf-d110914057> (consultado em Março de 2011).

de uma ideia, de uma consideração, para noutra ocasião voltar ao mesmo assunto, precisando nos detalhes e retocando-o, e fê-lo tantas vezes quanto as convenientes para que se sentisse esclarecido da sua convicção, “até perfeita certeza de que mais nada saberei dizer, que esclareça, que ilumine a ideia que se agravou no meu sentir.”⁹

Em 1889 passou a viver com Vong loc Chan, uma jovem anglo-chinesa conhecida por Atchan (à qual há referência num episódio em *Traços do Extremo-Oriente*), e nesse mesmo ano visitou pela primeira vez o Japão que tanto o encantou. Desta paixão chinesa nasceram dois filhos, José de Sousa Moraes e João de Sousa Moraes. Separou-se da família devido ao seu cargo de oficial, mas assegurou sempre a subsistência dos três e a educação dos filhos até que estes atingissem a idade para se sustentarem e ajudarem a mãe. Ambos foram baptizados na igreja de São Lourenço em Macau, o mais velho em 1 de Setembro de 1892 e o mais novo em 2 de Setembro de 1905, estudaram em Hong Kong e visitavam a mãe durante as férias do colégio.

O contacto com Atchan e os filhos foi mantido pela troca de correspondência através de Feliciano Francisco do Rosário, um macaense que servia de benévolo intermediário epistolar. Desta correspondência temos conhecimento pela obra de Danilo Barreiros *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*, na qual estão presentes as cartas que João de Sousa Moraes lhe escreveu, a seu pedido, em 1945, relatando as memórias dos anos em que viveu em Macau com toda a família (pai, mãe e irmão), e os encontros posteriores com o pai no Japão (o irmão José fora viver para S. Francisco, aí constituiu família e morreu cedo). Na sua memória ficou a imagem de um pai carinhoso, que tinha diversos animais em casa, como o cão, galinhas, pombos, ratinhos brancos, tartarugas, dos quais tratava com dedicação todas as manhãs; um pai que no último encontro com o filho e com Atchan revelou-se mais frio e distante, mas que correu para o barco quando estes partiam para os abraçar em lágrimas, quebrando todos os protocolos.

Desde a sua primeira visita turística ao Japão em 1889, durante a qual passou por Nagasáqui, Kobe e Iokohama, que Wenceslau de Moraes referiu a imensa atracção que sentia pelo País do Sol Nascente. A sua primeira impressão sobre o Japão surge na

⁹ Wenceslau de Moraes, *Relance da Alma japonesa*, Edição Daniel Pires, Colecção Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Vega, 1999, p. 5.

carta que dirigiu à sua irmã Emília, completamente inebriado, numa escrita reveladora, afirmou:

“Estou n'um país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra d'estas árvores que não têm parceiras no Mundo. [...] Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento.”¹⁰

Este enamoramento é visível nas suas duas primeiras obras, escritas ainda em Macau: *Traços do Extremo Oriente*, que publica em 1895, em Lisboa, e no qual dedica ao Japão um longo capítulo intitulado “Saudades do Japão”; e *Dai-Nippon* (O Grande Japão), publicado em 1897, no qual aborda os costumes, a arte e a história do Japão.

Os escritos de Wenceslau revelam-nos um Oriente que, apesar de envolto neste véu de contemplação, vê viver no seu seio algumas das mais tristes formas da condição humana. Encontramos o seu testemunho em descrições de regiões “onde paira uma atmosfera venenosa, carregada de densos vapores pestilenciais”¹¹, onde a miséria vivida não se assemelha às dificuldades na Europa, vive-se em jangadas no lodo do rio, vendem-se as filhas pequenas no mercado “a troco de meia dúzia de patacas mexicanas.”¹² E “os restaurantes desta gente. [...] Fumegam nas caçarolas manjares desconhecidos, que os cozinheiros sórdidos e quase nus, vão adubando com temperos. [...] tresandando tudo a bedum.”¹³ Estes exemplos pertencem às primeiras observações sobre Macau e China, onde viveu entre 1888 e 1897. Sendo que após esta data instalou-se no Japão, país que o fascinou totalmente e cuja cultura abraçou numa dedicação e entrega totais. As observações sobre o seu país de eleição surgem como pólo oposto às primeiras terras visitadas.

¹⁰ Datada de 4 de Agosto de 1889, in *Cartas Íntimas de Wenceslau de Moraes*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1944, pp. 30-31.

¹¹ Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1974, p. 21.

¹² *Idem.*, p. 37.

¹³ *Idem.*, p. 53.

O seu fascínio pelo Japão levou-o a defender junto do seu amigo Vicente Almeida d'Eça, influente monárquico, que seria pertinente criar um consulado no Japão, demonstrando a sua vontade para ocupar aquele cargo diplomático. Em 1898 foi-lhe concedida uma licença para tratamento em Portugal, mas Wenceslau de Moraes recusou-a, pois aguardava a sua nomeação para o cargo de cônsul de Portugal em Kobe, e, em Dezembro desse mesmo ano, aos 44 anos de idade, decidiu ir viver para essa cidade portuária cosmopolita, cuja posição estratégica permitia estar em estreito contacto com o Ocidente. A partir de Setembro do ano seguinte, ocupou os cargos diplomáticos de cônsul de Portugal em Kobe e Osaka, e também de cônsul interino de Itália e vice-cônsul por um curto período de tempo. Trabalhou com dedicação, conseguiu estabelecer um acordo comercial no qual apresentou os produtos portugueses a trocar no Extremo Oriente: azeite, conservas, produtos coloniais (café, marfim, borracha); pelos japoneses: charão, bambu, papel, sedas, entre outros. Durante este período, Moraes escreveu centenas de artigos sobre o Japão. Não relatou o Japão exótico, mas o Japão profundo, que existe para além das aparências. Abordou os pequenos momentos do quotidiano japonês, analisou a língua, a religião, a história, a ciência, a literatura e inevitavelmente, os costumes, comparando de forma sistemática e metódica a cultura japonesa e a civilização ocidental.

Segundo biógrafos japoneses, a partir de 1900 passou a viver à maneira japonesa com O-Yoné Fukumoto, a Senhora Bago de Arroz. Nessa nova fase começou a escrever as *Cartas do Japão* para *O Comércio do Porto*, que foram sendo publicadas até 1913; publicou em 1905 *O Culto do Chá* (em Kobe) e em 1906 *Paisagens da China e do Japão*. Moraes considerava a cultura japonesa como algo sublime e autêntico, de uma sensibilidade extrema e em sintonia com os valores primordiais da humanidade; por seu lado, a civilização ocidental caracterizava-se pelo materialismo e desumanização. O casamento com O-Yoné, com quem foi feliz, amenizou a sua existência, mas nunca lhe dissipou a intensa angústia que o possuía.

A aproximação de Wenceslau de Moraes ao Japão levou a um progressivo afastamento de Portugal, que nunca se tornou num corte total devido à assídua correspondência com familiares e amigos, mas que levou a uma relação de estranheza,

de impossibilidade de voltar e de se reconhecer em Portugal e, o mesmo se passou em relação ao Japão, onde não alcança a integração plena.

A sua amada O-Yoné morreu em 1912, com uma doença cardíaca. Foi uma perda dolorosíssima para Moraes.

“Morreu aqui em Kobe, a meu lado, uma pessoa que eu muito estimava; os seus últimos gestos foram apertar por duas vezes a minha mão, que tinha entre as suas. É horrível!... Tenho sofrido imenso desde então. Eu sempre fui doentio, há 5 ou 6 anos vou sofrendo bastante, sinto-me fraquíssimo e até com o juízo meio perdido; pois desde a data que indiquei tenho sofrido muito mais, julgo que a minha vida está por pouco [...].”¹⁴

No ano seguinte Wenceslau de Moraes demitiu-se das funções de cônsul de Portugal em Kobe e de oficial da Marinha, afirmando encontrar-se numa situação incompatível quer com a posição de oficial português, quer com a sua nacionalidade de português, quer com o mundo. Iniciou-se assim uma mudança radical no seu percurso de vida: abdicando do seu estatuto de diplomata e da reforma a que tinha direito e que estava prestes a receber, trocou o seu chapéu, fato e gravata por um quimono, os sapatos ocidentais por *getas*, frequentou templos budistas e conviveu com as gentes locais. Com 59 anos retirou-se para a pequena cidade do Sul do Japão, Tokushima, visitando diariamente o cemitério onde repousava O-Yoné. Principiou uma niponização integral, procurando erradicar todas as raízes ocidentais em si. O seu novo modo de vida pouco ou nada se distinguia do comum japonês. Na tentativa de se encontrar, optou pelo isolamento quase total, no entanto, viveu com uma jovem japonesa Ko-Haru, sobrinha de O-Yoné, manteve a correspondência com os seus amigos portugueses, e todos os meses, no dia 20 (dia da morte da sua amada), uma religiosa realizava o ritual da evocação do espírito de O-Yoné. Entretanto, passados apenas três anos também Ko-Haru morreu. Wenceslau de Moraes mergulhou na completa solidão, visitando diariamente os túmulos de O-Yoné e de Ko-Haru.

Continuou a escrever. Publicou nesse mesmo ano, em 1916, *O Bon-Odori* em Tokushima; em 1917 saiu *Ko-Haru* em separata de *O Comércio do Porto*; em 1923 *O-*

¹⁴ *Do Kansai a Shikoku – Traços da Última Jornada de Wenceslau de Moraes*, transcrição, comentários e notas de Jorge Dias, Macau: Instituto Cultural, 1988, p.166.

Yoné e Ko-Haru; no ano seguinte publicou *Relance da História do Japão*; e em 1926 escreveu as suas duas últimas obras, *Relance da Alma Japonesa* e *Serões no Japão*.

Alguns dos seus manuscritos publicados nessa época em Portugal não estavam de acordo com os desejos do autor, ora em páginas erradas, ora com erros na impressão, tornando-se ilegíveis. Essas situações levaram a que Moraes intensificasse os seus sentimentos de insegurança e de afastamento, que se agravaram com o seu isolamento em Tokushima, levando-o a cortar relações com alguns dos seus amigos mais próximos e a recusar qualquer tipo de reforma por parte do Estado português. Sobre Portugal o autor manifestou o seu pessimismo defendendo a ideia da decadência portuguesa, que estaria relacionada com a preguiça, o fanatismo, as descobertas e as conquistas que trouxeram apenas o dinheiro fácil, o jesuitismo e a ignorância. Foi crítico para com a ditadura de João Franco, assim como com a monarquia.

*“O país abisma-se, apodrece, desfaz-se. Contra isto não há remédio, ou o que há fere-nos profundamente no nosso amor-próprio. Os padres e as conquistas levaram-nos a este estado.”*¹⁵

Tal como acontece com outros artista e intelectuais portugueses, Wenceslau de Moraes foi mais reconhecido no Japão do que em Portugal. Exemplo disso é o Professor Tomizo Hanano que dedicou a sua vida a traduzir as obras do autor. Entre 1935 e 1964 todos os seus livros, com excepção de *Cartas do Japão*, foram publicados no Japão. Em Portugal, o estudo e interesse pelas suas obras, surgiu um pouco mais tarde.

Wenceslau de Moraes procurou captar tudo o que via e sentia, perpetuar as memórias dos viajantes portugueses que primeiro chegaram ao Japão e possibilitaram a comunicação entre o Ocidente e o Oriente, culminando no máximo do humanismo português. Mas foi Moraes o primeiro ocidental que teve coragem de ir viver entre os orientais como eles, isto é, cortando os laços culturais e abandonando os costumes tradicionais europeus. É precisamente essa Europa, que se encontrava então privada

¹⁵ Carta dirigida a Alfredo Dias Branco in *Osoroshi*, prefácio e notas de Álvaro Neves, Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1933, p.85.

de ideais e de pureza, cujo sistema político e social deixara de lado o sentido fundamental da vida, regendo-se por teorias e sistemas sem essência, que o autor abandonou.

Moraes adoptou por completo os costumes, o vestuário, o ritual dos mortos, o tipo de alimentação, a habitação japonesa, dormia na sua esteira de palha de arroz (*tatami*), embrenhou-se na vida japonesa procurando alcançar a serenidade de espírito. Pois ao contrário do Ocidente, só o Oriente conservava ainda o mistério e o encanto que podem reconfortar o homem solitário. Um Oriente onde “a emotividade explode, o coração bate forte, a alma voa... mas como é difícil encontrar as palavras que traduzam tudo isso, a nossa vibratibilidade de um momento, o enxame de pequeninos mistérios íntimos, fugidios!...”¹⁶ Moraes conseguiu transmitir-nos mais do que um Japão pitoresco, exprimiu com elegância e extrema sensibilidade a alma desse povo, de tal forma, que os próprios se reconhecem nas observações do nosso escritor português.

Desde 1912 que viveu na sua pequena casa em Tokushima, composta por duas divisões sobrepostas, com poucos móveis, o altar familiar, uma esteira para dormir, alguns livros e um mapa de Portugal na parede.

Os seus desejos, o sentimento de pertença que despertou em si o primeiro contacto com o país do Sol Nascente, “feiticeiro torrão este, onde não se sofre e onde não se chora!... Como eu quisera viver aqui, no enleve perene da cena, na paz de uma casinha de papel! Como eu quisera morrer aqui, volver à terra sem o cortejo agoirento das casacas, ignorado, jazendo para sempre à sombra dum bambual, onde as cigarras iriam cantarolando hinos eternos!...”¹⁷, esse eterno enamoramento, concretizou-se verdadeiramente. Foi na casa de paredes de papel, que aos 75 anos morreu sozinho, numa noite de forte temporal.

Por vontade própria, tal como se encontrava escrito no seu testamento e no papel que tinha pregado na parede do seu quarto, onde deixou escrito em português,

¹⁶ Wenceslau de Moraes, *A Danças das Borboletas*, Lisboa: Edição de Vasco Rosa, O Independente, 2004, p. 71.

¹⁷ Wenceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, introdução de Celina Silva, Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 297.

inglês e japonês, foi cremado num crematório japonês, sem qualquer tipo de ritual da religião cristã, não se opondo aos ritos budísticos. Assim, como primeiro português convertido às ideias budistas, recebeu um funeral budista e todos os anos, tal como o próprio fazia em relação a O-Yoné e Ko-Haru, é-lhe dedicado em sua memória um serviço religioso num templo em Tokushima. É nesta cidade, no cemitério de Chionji, que se encontram as suas cinzas conjuntamente com as de Ko-Haru, pois não obteve autorização da irmã de O-Yoné para que as suas cinzas ficassem juntas. Seguindo o ritual, recebeu o seu kaymio, o nome de morto, *Sokoinden Kyokushmo Bunken Daikojii*, o que significa, *Peregrino Escritor habitando um Castelo de Algas com a Luz resplandecente*. As algas, provavelmente, referem-se à sua vida de marinheiro e homem desenraizado.

Como testemunho da sensibilidade e da inquietação que assolou permanentemente o autor, na procura da felicidade e harmonia plena, como ser que nunca se revela uno e inteiro, sugere-se a seguinte leitura:

“Todavia, eu nunca experimentei a sensação plena do gozo, o prazer que domina tudo, triunfante. Eu nunca, no Japão como em parte alguma, me senti plenamente feliz, sem dúvida por incompetência e incongruências de meus dotes afectivos: O enlevo das coisas acorda sempre no íntimo do meu ser um sofrimento ignoto, a impressão de dor por uma catástrofe sofrida ou por sofrer, - sofrida, talvez numa outra vida já vivida; por sofrer, talvez em dias futuros da minha vida actual, talvez numa outra vida que há-de vir; - ou terei eu o estranho dom de sofrer, por indução, a dor dos males que ferem os outros seres?...”¹⁸

3 - AS RELAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE – A INFLUÊNCIA DOS PORTUGUESES NO ORIENTE DO SÉCULO XVI ATÉ À ACTUALIDADE

Neste capítulo abordamos as relações históricas e culturais entre o Ocidente e o Oriente, dando primazia à missão da Companhia de Jesus na China e no Japão a partir do século XVI até à expulsão dos cristãos do Oriente. Serão estes dois países alvo da visita de Wenceslau de Moraes dois séculos depois, permitindo-lhe tecer as primeiras considerações sobre as diferenças entre Oriente e Ocidente, levando mais tarde a um retomar das relações diplomáticas entre Portugal e o Japão. Para melhor

¹⁸ *Idem* p.72

compreendermos a história actual é necessário recuarmos no tempo e interpretar todo um passado de contacto e partilha humana.

“No século XVI a Igreja de Roma carregou para fora da Europa missionários, que difundiram o Cristianismo e ajudaram a sedimentar um processo de ocidentalização levado a cabo pelas monarquias europeias. [...] O termo «missão» passou a designar o envio de jesuítas, individualmente ou em grupo, por parte de uma autoridade eclesiástica para desempenhar uma actividade apostólica.”¹⁹

“A Bula Regimini Militantis Ecclesiae, de 27 de fevereiro de 1540, assinalou a fundação oficial da Companhia de Jesus, por Inácio de Loyola, que viria a alcançar o seu ideal apostólico de missão nas suas vertentes educativas e missionária. A sua primeira actividade apostólica foi ao serviço da Coroa Portuguesa. Assim, os Jesuítas inseriram-se na estrutura missionária do Padroado Português e acabaram por irradiar uma imensa pregação dos espaços e sociedades não-europeus, encontrando precisamente nos espaços ultramarinos concorridos pelas conquistas e tratos ibéricos uma das grandes polarizações e novidades do seu carisma e ordem religiosos. Eles chegaram a regiões tão distantes como o Brasil, Índia, Indonésia, Malásia, Japão e China. O seu trabalho originou uma nova ideia de missão que, subjacente ao impulso evangélico das origens da Companhia, se começou por organizar em torno de uma dinâmica concepção de “conquista espiritual”, com que se procurava converter à fidelidade da Igreja de Roma todo aquele que “simplesmente” ignorava ou se havia afastado da doutrina católica. Ora, a rota do comércio foi, simultaneamente, via de intercâmbio cultural. Desde que os Portugueses chegaram a Macau, abriram-se rapidamente as três principais rotas de comércio que ligavam o Oeste ao Leste: uma, de Macau para Lisboa via Goa, outra, de Macau até Nagasaki (Japão) e, ainda, Macau via Manila até ao México (Nueva España) [...]. Com a bula Super Specula Militantis Ecclesiae, do Papa Gregório XIII, datada de 23 de janeiro de 1576, foi criada a Diocese de Macau, com jurisdição sobre a China, Japão, Coreia e “ilhas adjacentes”, subordinada ao Bispo de Goa [...].”²⁰

Os relatos dos primeiros encontros no século XVI entre os portugueses e os japoneses tornam claro que os contactos foram amigáveis e as relações fáceis. Os portugueses simpatizam com os japoneses, pois estes valorizam mais a honra que a vida, são gente honesta, boa e sem inveja, corajosos, simples, corteses, inteligentes, que aprendem a escrever e a ler facilmente a língua portuguesa. Por sua vez, os

¹⁹ In <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/2317/1/Maria%20de%20Deus%20Manso-%20VieiraNICPRI.pdf> (consultado em Janeiro de 2012).

²⁰ In <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/historia/article/view/htu.2011.153.09/609> - artigo de Seabra, Leonor Díaz, *Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII)* – (consultado em Fevereiro de 2012).

japoneses encaram os portugueses como homens bons, apesar das diferenças culturais, como o facto de comerem com os dedos e não com pauzinhos.

“Estes homens, bárbaros do Sudeste, são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem um copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos, e não com pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum reboço. Não compreendem o significado dos caracteres escritos. São gente que passa a vida errando de aqui para além, sem morada certa, e trocam as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal.”²¹

Entre Portugal e o Japão não houve inicialmente o que hoje denominamos por relações diplomáticas, os contactos faziam-se visando apenas facilitar a propaganda religiosa e o comércio. O jesuíta Francisco Xavier²² pode ser considerado o primeiro embaixador enviado por Portugal ao Japão e que em 1552 foi recebido em audiência pelo dáimio (antigo senhor feudal que dominava o governo) de Yamaguchi. Desde então, a troca de correspondência entre Portugal e o Japão revela as intenções de cada um: Portugal mostrava-se essencialmente preocupado na expansão da fé cristã; por sua vez, ao Japão interessava o comércio que levava ao desenvolvimento dos seus portos e cidades e que era uma importante fonte de riqueza. Como os barcos portugueses apenas atracavam nos portos onde aos padres era permitido residir e pregar, os dáimios japoneses aceitavam os missionários jesuítas. Estes iam alargando a acção das suas missões, construindo novas igrejas e colégios, para suportar estas despesas os padres jesuítas envolviam-se directamente no comércio, investindo capitais importantes.

²¹ Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa: seguido de um epílogo sobre as relações entre Portugal e o Japão do século XVII aos nossos dias*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2ª edição, 1988, p. 31.

²² Este missionário foi o primeiro a ser enviado à Índia em 1541 “debaixo da autoridade de Inácio de Loyola, do Papa e do rei de Portugal, com objectivos claros da propagação da Fé – que passam pela organização da viagem, fixação e actividades missionárias a desenvolver e pela adaptação ao espaço –, sendo seguido de outros missionários que se espalharam pela Ásia, América e África.” In <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/2317/1/Maria%20de%20Deus%20Manso-%20VieiraNICPRI.pdf> (consultado em Janeiro de 2012).

Como vemos, o contacto dos missionários portugueses com o Japão estava intimamente relacionado com a prosperidade comercial e o progresso económico. No entanto, os portugueses carregavam com eles a má fama de cobiçar e conquistar as terras onde desembarcavam, por este motivo os japoneses temiam que a missionação tivesse por detrás outros motivos, como a conquista do território.

Para mais facilmente se aproximarem dos japoneses, os jesuítas aprenderam também os seus costumes e as suas cerimónias, identificando-se gradualmente com esta nova cultura. Assim, dos japoneses “adoptaram e introduziram das festas religiosas tudo o que não colidisse com o espírito cristão. Este sentimento ecuménico facilitou a penetração rápida e profunda dos sentimentos cristãos entre o povo japonês.”²³ Como por exemplo, compreenderam a importância da dança e do fogo-de-artifício na vida emotiva dos japoneses, “o pendor para o prazer estético e divertimento com o espectáculo das cores e das luzes, o seu amor das lanternas”²⁴, conseguindo ir ao encontro “dos modos de expressão da profunda alma do povo, encaminhando-o num sentido católico”²⁵. Para tal contribuiu o sentimento de distância, pois apenas de 3 em 3 anos chegavam notícias de Portugal. Durante este período, os jesuítas realizaram uma profunda investigação sobre os costumes, os hábitos quotidianos dos japoneses, a sua arquitectura, a paisagem, a descrição das cidades, dos trajes, e também da matemática nipónica, das artes, da astrologia, da astronomia, entre outros temas.²⁶

“Os Jesuítas desde cedo começaram a adaptar-se aos costumes japoneses, adoptando hábitos de convívio, reivindicando o tratamento dado aos bonzos zen, os mais respeitados, cultos e inteligentes entre as seitas budistas. Os jesuítas adoptaram a etiqueta japonesa, participavam na arte do chá e usavam mesmo sandálias japonesas e tabis em vez de meias. As suas casas eram construídas e mobiladas no estilo japonês. Por isso foram acusados pelos dominicanos e agostinhos de «japonizados». O conhecimento que os jesuítas possuíam da psicologia e dos costumes dos Japoneses era profundo, como pode ver-se do I e II livros da Historia da Igreja do Japão, do P. João Rodrigues, que contém um longo e importante estudo psicológico sobre os Japoneses

²³ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 86.

²⁴ *Idem, Ibidem.*

²⁵ *Idem*, p. 87.

²⁶ Veja-se anexo 17.

do século XVII – o primeiro em língua ocidental e hoje ainda um dos mais detalhados e exactos.”²⁷

Os jesuítas recebiam uma preparação específica para as missões, e aqueles que ficavam na Companhia recolhiam e estudavam todas as informações que recebiam das missões.

*“Nas universidades europeias aprendiam a ser cidadãos de uma comunidade cultural universal, cuja formação era enriquecida com as novas chegadas das missões, dando-lhe uma identidade e funções, em muitas vezes, diferente das restantes Ordens. [...] Os diferentes contactos jesuítas com sociedades culturalmente diferentes eram matéria de análise nos colégios da Companhia e através da leitura pública das cartas todos eles ficavam informados do que acontecia nas missões. Estas obras antropológicas missionárias ajudaram a explicar ao mundo moderno a variedade cultural das sociedades existentes. Apresentam-nos um estudo da missão, do sistema das missões e da vida quotidiana, identificando mudanças e permanências das mesmas.”*²⁸

Os estudiosos mais relevantes são Luís Fróis, João Rodrigues e Alexandre Valignano, cujos relatos deram origem a variadíssimas obras como, *História de Japam* (Luís Fróis), *Dicionario da Lingoa Japonesa* e *História da Igreja no Japão* (João Rodrigues), e *Sumário de las Cosas de Japón* (Alexandre Valignano).

O contínuo crescimento da Companhia de Jesus e a crescente necessidade de um maior auxílio da Europa sugeriu a Valignano, missionário jesuíta que em 1566 se juntou à Companhia de Jesus, a ideia de enviar uma embaixada de japoneses à Europa. A sua intenção era mostrar aos japoneses as grandezas da Europa, para que eles testemunhassem com os seus próprios olhos o que os padres lhes haviam contado e, para que em reunião com Santo Padre lhe prestassem obediência. Assim, em 1584 chegaram a Lisboa, visitaram depois Espanha e Itália, partindo novamente rumo ao Japão em 1586. Sobre esta visita escreve Janeira:

“Durante o longo tempo das esperas e da viagem os dois jovens japoneses estudavam latim, canto, musica, japonês e português. Em 10 de Agosto de 1584 chegaram a Lisboa.

²⁷ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p.151.

²⁸ In <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/2317/1/Maria%20de%20Deus%20Manso-%20VieiraNICPRI.pdf> (consultado em Janeiro de 2012)

Em Lisboa foram carinhosamente acolhidos. Admiraram os Jerónimos, visitaram Belém e Sintra. Foram a Évora visitar o arcebispo. Ali, na catedral, foi rezada missa solene; a multidão chorava comovida por ver como as obras da fé haviam sido levadas tão longe. Mancio e Miguel tocaram órgão «muy arrezoadamente», com surpresa dos circunstantes. De Évora foram a Vila Viçosa visitar o duque de Bragança, D. Teodósio II, que tinha a mesma idade dos embaixadores japoneses, 16 anos. Foram tratados com «grande aparato e pompa». As riquezas dos paços do duque deixaram os japoneses «admiradíssimos»: um dos moços japoneses escreve pormenores do que viu, em que enumera as tapeçarias e reposteiros ricos e a baixela de prata, de que contou os pratos, as salvas, os gomis e até uma grande bacia de prata para lavar os pés. E curioso é notar que não fala de ter visto obras de arte, nem pintura nem escultura.

Por fim, Dona Catarina e os filhos passaram a tratar os japoneses com familiaridade. Pediram-lhe que se vestissem à maneira do seu país. Dona Catarina gostou tanto dos quimonos que mandou fazer por eles a um alfaiate um igual para seu filho D. Duarte, que tinha 14 anos. O êxito foi tal que Damião de Goes comenta: «pode ser que se venha a introduzir o vestido do Japão em Portugal para as festas.»²⁹

Durante este período a política havia mudado no Japão, e a religião cristã e a sua divulgação tinham sido proibidas, pois apresentava leis e uma forma de estar que não coincidiam em nada com as leis nativas, e mudar as pessoas de opiniões e de leis seria prejudicial ao reino. O comércio livre e honesto com os portugueses continuava a ser desejado, mas a religião era proibida.

Inicialmente a cristianização foi um êxito. Os padres jesuítas, pela observação e pelo estudo dos costumes e a maneira de ser dos japoneses, acabaram por se afastar do seu espírito e modo de ser europeus, “imbuíram-se da cultura, adoptaram os hábitos e até a maneira de vestir dos Japoneses.”³⁰

“Se olharmos para o Oriente, a adaptação surge-nos fora da jurisdição portuguesa: Madurai, China e Japão. Aqui, as particularidades assumidas por alguns missionários podem centrar-se em relação ao seu sustento ou ao da missão, à ideia de missão e a uma maior tolerância para com os que se dizem cristãos, como, por exemplo, a permissão dos «cristãos-novos», ou seja, novos cristãos apresentarem determinados símbolos das religiões ancestrais. Portanto, a adaptação é usada para dar início ou continuidade ao processo, resultante da inadequação e questionamento dos cânones da Ordem, mas sem nunca renunciarem ao seu ideal ou ao seu objectivo evangelizador. Portanto, a prática não foi a consequência do governo de um modelo de colonização

²⁹ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p.108.

³⁰ *Idem*, p.87.

*colonial, mas, ao invés, por se tratar de regiões e de espaços fora do império luso. Estas eram regiões onde a presença lusíada estava muito cerceada ou era quase inexistente, daí o uso de alguns malabarismos para serem aceites nas sociedades locais. Eram sociedades muito hierarquizadas, sobretudo a hindu (castas), milenares, heterogêneas quer cultural quer politicamente, o que exigia grande argúcia para serem aceites. Nem sempre a adopção do Cristianismo se ficava a dever a questões de natureza dogmática, mas política e gradualmente o Catolicismo causava grandes alterações no funcionamento das sociedades locais.*³¹

Assim, as diferenças com as religiões nativas, o budismo e o sintoísmo, mantiveram acesa a intolerância religiosa dos missionários, afastando a possibilidade de qualquer dissolução espiritual. Apesar da proibição religiosa, Portugal persistia na política exclusiva da expansão da fé cristã, o que levou a perseguições e a que a manifestação de amizade entre ambos fosse diminuindo. A intolerância e o fanatismo tornaram-se a maior fraqueza da ofensiva cristã, os portugueses pensaram que era possível mudar a cultura de um povo apenas com palavras de fé divina. Mais tarde, perceberam que também era impossível submeter o Japão pelas armas, e então, a cristianização tornou-se uma causa desesperada. É preciso compreender que as ideias e as práticas da cultura de um povo, das quais faz parte a religião, são as suas condições históricas próprias, contra as quais a vontade humana é impotente, excepto pelo uso da imposição e da conquista militar.

Nesta altura Portugal era governado por Filipe II de Espanha, e o Japão desconfiava dos europeus, principalmente temia que a Espanha se apossasse dos seus territórios, por isso recusou receber a embaixada de franciscanos enviada por Filipe II, assim como os presentes que levavam. Os portugueses também eram alvo de desconfiança, no entanto, os barcos portugueses continuavam a ser admitidos e o comércio prosseguia. Mas Portugal sofria com a governação de Espanha, pois até então a política portuguesa no Japão fora “sempre conduzida com moderação, embora nem sempre com sensatez; os Portugueses foram sempre afáveis, nobres, às vezes

³¹ In <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/2317/1/Maria%20de%20Deus%20Manso-%20VieiraNICPRI.pdf> (consultado em Janeiro de 2012)

altivos, e até heróicos quando as circunstâncias os requereram, diferindo da orgulhosa arrogância várias vezes manifestada pelos Espanhóis.”³²

No entanto, a lei anticristã, e apesar da boa impressão e estima pela calma, coragem e dignidade dos portugueses, fez com que a partir de 1640/44 as relações fossem totalmente cortadas. A partir desta data foi decretada a perseguição e tortura dos cristãos e todos os portugueses foram expulsos do Japão, assim como também foram expulsos todos os japoneses que adoptassem crianças filhas de portugueses. A chegada dos holandeses e dos ingleses veio agravar a situação, contribuindo para a desintegração da frente cristã. Eram agora os holandeses que abasteciam o Japão das mercadorias necessárias.

Durante dois séculos os cristãos foram perseguidos e torturados, mas continuavam a tentar entrar clandestinamente no Japão. Esta situação levou a que o Japão adoptasse a política de *sakoku*, país fechado, que durou até 1854 aquando da chegada dos americanos que concluíram um tratado de amizade e de comércio com o Japão.

Os portugueses dominaram durante quase um século o comércio marítimo da Ásia. Os jesuítas participaram no desenvolvimento do comércio e também na política interna, no armamento e nas relações de guerra ou de paz entre os senhores. É provável que se o comércio e a religião tivessem sido conduzidos separadamente, talvez Portugal e o Japão mantivessem as suas relações comerciais até aos dias de hoje. Mas é inegável a importância dos missionários portugueses, que prepararam o Japão para as ideias e conhecimentos europeus, que mais tarde frutificaram nesse solo que soube manter a sua cultura tradicional, preservando uma harmonia com a modernidade. O Japão aprendeu a combinar o progresso técnico-científico e os valores importados com os seus valores tradicionais.

Num primeiro contacto com o oriente, o ocidente não conseguiu impor a sua cultura como fez com os países das Américas e com a Índia, por exemplo, pois ao contrário dos outros países, o Japão era forte militarmente, só sendo possível penetrar através de uma hábil ofensiva cultural.

³² Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 113.

Tal como já foi referido, os missionários compreenderam que, para que o choque não fosse tão grande, era necessário haver um esforço de adaptação às características particulares da China e do Japão. Apesar disso, a expulsão dos ocidentais foi inevitável, pois os valores fundamentais das duas culturas eram completamente opostos, sendo irreconciliáveis.

“Levaria anos até que a «religião do mal» fosse reconhecida pelo governo e pelos Japoneses em geral, sem reservas e como uma profissão de fé honesta e sem sinistras implicações. Rigorosamente, isso aconteceria só depois da segunda guerra mundial, na atmosfera de completa renovação que fez do Japão de hoje o país mais liberal do mundo.”³³

A mutação cultural foi acontecendo ao longo de quatro séculos, durante os quais os valores do Oriente foram-se transformando e sendo substituídos.

“Essa imensa operação de mutação cultural começou no século XVI, com o impacto português na civilização chinesa, onde foi superficial, e na civilização japonesa, onde se mostrou profundo e de longas repercussões. O resultado, após quatro séculos, foi, na China, a maior revolução da história e a adopção dum sistema de pensamento ocidental, o comunismo; no Japão, um movimento de transição profunda e um sistema económico que fez do Japão a terceira maior potência do mundo.”³⁴

Para a maioria dos historiadores ocidentais e japoneses, o Japão entrou no período moderno da sua história com a chegada do primeiro barco português em 1543. Mostraram sempre interesse nas relações intelectuais e sociais com os portugueses, querendo saber mais sobre a sua maneira de viver e os conhecimentos que traziam do mundo. Os portugueses viam o Japão como um terreno fértil para a cristianização, o que levou a que se perdessem grandes oportunidades políticas, como já foi analisado anteriormente. Mas de forma indirecta prestaram um grande serviço ao Japão, pois a introdução de uma nova crença religiosa e de novos valores ameaçava dividir o império. Assim, como medida de defesa e promovendo a unidade e coesão nacionais, os japoneses expulsaram os cristãos.

³³ *Idem*, p. 198.

³⁴ *Idem*, p. 134.

“Wenceslau de Moraes pensava da mesma maneira. Os dirigentes japoneses, escreve Moraes, «não podiam permitir tamanha influência moral, exercida por estranhos, tendente à desintegração da família japonesa, ao fanatismo, à opressão religiosa, à inquisição e certamente, como remate, ao domínio político dos brancos nos solos dos mikados».”³⁵

O encontro das duas civilizações foi muito importante e o impacto português na civilização japonesa foi extraordinário, pois permitiu aos japoneses o contacto com uma humanidade diferente, o conhecimento de uma maneira de viver e de uma cultura que nada tinha a ver com a sua, mas capaz de feitos grandiosos e de homens de coragem e de honra, sentimentos que eles muito admiram. A influência portuguesa na civilização japonesa foi grande e é visível ainda hoje. Na língua, pelo uso e adopção de palavras da língua oposta; nas ciências, com a medicina, a astronomia, as ciências náuticas, a construção naval e a ciência militar; na pintura, com a arte religiosa; na música, com os hinos religiosos e as orquestras; na arquitectura, com edifícios de carácter religioso e, principalmente, com a construção de castelos grandiosos; no urbanismo, presente na cidade de Nagasaki, construída num terreno acidentado por facilitar a defesa; na tipografia, cuja arte foi ensinada aos jesuítas japoneses aquando da sua visita a Portugal.

A cultura e a religião são inseparáveis na acção portuguesa no Japão, primeiro porque foi predominantemente exercida por missionários, e segundo, porque o factor religioso teve muita importância na cultura portuguesa ultramarina. Os padres que chegavam ao Japão possuíam um elevado nível intelectual, “os mais interessantes desses padres intelectuais são aqueles que, tendo vindo jovens para o Japão, aqui fizeram a maior parte da sua educação e formação e representavam já então uma interessante combinação dos mundos culturais do Ocidente e do Oriente”³⁶, exercendo a sua acção junto da elite japonesa. Desta forma, encontramos duas vertentes da expansão linguística portuguesa, uma através da língua de liturgia, o latim, e outra pela língua de pregação, a língua nacional. O latim mantendo uma ligação com a Igreja de Roma, permitia que também a liturgia se mantivesse coesa e

³⁵ *Idem*, p. 88.

³⁶ *Idem*, p. 157.

imutável. A língua nacional, por ser turno, era usada na pregação, na administração dos sacramentos (especialmente na confissão), nas devoções da tarde, nas orações que precediam e antecedia as missas e na catequese. Portanto, era fundamental que os missionários jesuítas conhecessem a língua local. Com o intuito de produzir materiais que permitissem a comunicação entre ambos, os jesuítas dedicaram-se à tarefa de analisar as línguas nativas, aprenderam japonês, produziram cartilhas, catecismos e, como também já foi afirmado, escreveram importantes obras sobre a história do Japão, foram intérpretes da sua cultura, escreveram os primeiros dicionários de japonês-português, traduziram para japonês vários livros religiosos e obras da literatura clássica europeia (*Fábulas* de Esopo, excertos de Homero, Platão, Aristóteles, entre outros autores gregos e latinos). A sua dedicação e valor são visíveis até aos dias de hoje.

Além dos Estados Unidos, Portugal foi o país que mais influência exerceu sobre o Japão. A partir de 1853 vários países assinaram tratados de amizade e comércio com o Japão, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Rússia e a Holanda. Apenas a 3 de Outubro de 1860 é que Portugal estabeleceu o Tratado de Paz, Amizade e Comércio, sendo um dos últimos países europeus a estabelecer relações diplomáticas com o Japão. Durante este período o Japão, muitas vezes contra a sua vontade pois não esquecia o passado facilmente, foi abrindo os seus portos ao comércio estrangeiro. Depois de uma tentativa, em 1863, de fechar novamente os seus portos e observando a força ocidental exercida sobre a China, os japoneses reconsideraram a sua posição e, em 25 de Janeiro de 1868 o Imperador assume o governo do Japão, dando início à era Meiji. Apesar das contradições entre o mundo do passado e o da civilização ocidental, o Japão entrava agora definitivamente no mundo moderno.

Nesta altura, as relações comerciais entre Portugal e o Japão eram de pouca importância, vivendo poucos portugueses no Japão (em 1870 viviam entre 50 a 60 portugueses). Em 24 de Janeiro de 1897, tal como fizeram os outros países ocidentais, foi assinado novo tratado revendo o anterior. E em 1898 tomou posse o primeiro funcionário consular no Japão, Wenceslau de Moraes, na qualidade de encarregado do Consulado de Portugal em Kobe e Osaka.

Durante o século XX as relações culturais entre os dois países foram muito importantes e positivas. Deu-se um grande número de traduções de obras históricas portuguesas e de estudos sobre a história luso-japonesa. Esta investigação iniciou-se com o Professor Naojiro Murakami em 1902, que traduziu *Cartas do Japão* dos jesuítas de 1598. Seguiram-lhe o exemplo os professores e eruditos Tadao Doi, Kentaro Yamada, Yoshitomo Okamoto, Küchi Matsuda, Mimoeu Izawa, Akio Okada. Outros dedicaram-se à tradução dos maiores clássicos portugueses e da literatura moderna. Alguns nomes como exemplo: Hideo Kobayashi, *Os Lusíadas* de Luís de Camões; Masatake Takahashi, *O Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco; Nobuo Hamaguchi, *Frei Genebro*, de Eça de Queirós, entre outros.

Mas o escritor português que dedicou a sua vida e a sua obra ao Japão, e sobre o qual se apresenta o presente estudo, foi Wenceslau de Moraes. De todos os escritores do final do século XIX e primeira metade do século XX, é ele o exemplo mais notável como humanista e de simbiose dos valores europeus e orientais, conhecendo intimamente o povo japonês.

Em 1919 abriu o primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesas na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (Tokyo Gaidai), graças ao professor João Abranches Pinto, marcando o início da longa presença do português nas universidades japonesas.

Após a Segunda Grande Guerra as universidades japonesas começam a constituir os departamentos de línguas e estudos estrangeiros. Em 1948 foi fundada em Quioto a Universidade de Estudos Estrangeiros, cujo Departamento de Estudos Luso-Brasileiros foi estabelecido em 1968. Em 1964, a Universidade Sofia de Tóquio iniciou a sua pós-graduação em língua e cultura portuguesa. Além delas, actualmente, outras três universidades possuem departamentos de estudos luso-brasileiros ou leccionam português: Universidade de Osaca, Universidade de Tenri e a Universidade Kanda de Estudos Internacionais. Além disso, outras dezanove universidades japonesas possuem a língua portuguesa como disciplina opcional, entre elas, a Universidade Industrial de Quioto, a Universidade Musashino, a Universidade Rikkyo, a Universidade Ryutsu Keizai, a Universidade Takushoku, a Faculdade Municipal de Artes e Cultura de Oita, entre outras.

Actualmente, as relações culturais fazem-se pelas sociedades luso-japonesas criadas em ambos os países, como a Sociedade Luso-Nipónica em Tóquio, e com sucursais em Nagasaki, Tokushima, Tanegashima e Kansai; a Câmara do Comércio e Indústria Luso-Japonesa em Lisboa e no Porto, o Instituto de Macau em Lisboa, o Museu do Oriente em Lisboa, a Associação Wenceslau de Moraes em Lisboa, Associação de Amizade Portugal-Japão, entre muitas outras, que organizam espectáculos, exposições de arte e dança, conferências. Desta forma, o contacto diplomático e cultural entre o oriente e o ocidente, prevalece aproximando dois mundos pelo respeito pelas suas diferenças.

4 - A OBRA DE WENCESLAU DE MORAES ENQUANTO DOCUMENTÁRIO (O REALISMO, O NATURALISMO, O IMPRESSIONISMO) – RELATOS DO POVO JAPONÊS EM PORTUGUÊS

O artista não copiou, viu, gozou na impressão do real, devaneou, traduziu depois todas essas sugestões múltiplas.

A análise cronológica da obra de Wenceslau de Moraes convida-nos ao convívio quotidiano com o autor, a uma viagem de experimentação sensorial, reflexiva, mística e estética nesse seu longo exílio.

Wenceslau de Moraes é exemplo do ideário do exotismo finissecular oitocentista. A literatura e a cultura do século XIX caracterizam-se por um romantismo que apela constantemente ao longínquo Oriente. Ou seja, o orientalismo está presente nesta estrutura e nasce da ânsia de fuga ao velho racionalismo europeu, sempre na procura do exótico, não pelo seu carácter pitoresco, mas pelo sentido de viagem que encerra em si esta busca.

A viagem é feita a nível individual, o encontro com o novo e com o estranho levam à expansão do eu. A viagem é, tal como em Fernão Mendes Pinto, uma *peregrinação* no sentido duplo do termo, exterior e interior. Nesta duplicidade encontramos dois caminhos, o gosto da viagem como conhecimento do outro e de si próprio e a renovação da história das ideias, principalmente das ideias filosóficas. A

viagem é, sobretudo, estética, durante a qual se realiza a ascese dos sentidos, da contemplação. Wenceslau de Moraes vê o Japão como totalidade, como vivência de seres vivos actuantes, cuja beleza se reflecte na arte, na natureza, na forma de sentir.

Em Portugal, o elemento orientalista do romantismo europeu só se expandiu com a Geração de 70, abordando-se temas como o misticismo oriental (o budismo), o exotismo (que em Eça de Queirós é usado para caricaturar o espírito português), algumas vezes como pretexto para o exercício de estilo, reflectindo influências baudelairianas. Wenceslau de Moraes, seguindo também a corrente decadentista do século XIX e o movimento da “Renascença Portuguesa” em voga, contribui para o ideal defendido, que consistia em promover a educação, o ensino, literatura e a interpretação histórica junto do povo português, através de revistas, manifestos, conferências, entre outras actividades culturais. Para tal, Moraes colaborou na revista *A Águia* (1910-1932), publicando “Hisamatsu não está em Casa” e “Relance da História do Japão”.

Ao contrário do que seria comum aos outros escritores da época, Moraes não apresenta nenhuma figura do herói nacional renascentista, mas sim a figura do renegado e do anti-herói – Fernão Mendes Pinto, a quem dedica o seu único ensaio histórico-literário, muito provavelmente porque foi este o pioneiro do Japão, foi o precursor de um orientalismo exótico predominantemente descritivo e de uma profunda compreensão da multiplicidade cultural. Apesar do fascínio que o Oriente encerra em si, Fernão Mendes Pinto encara o Oriente não como uma terra mítica de conquistas, mas confrontando com o Ocidente Cristão e com Portugal, satiriza não só as acções dos portugueses no Oriente, mas toda a civilização Ocidental. Se por um lado enaltece a coragem dos soldados e marinheiros, por outro lado revela também o lado negro das Descobertas, caracterizado pela avidez, pela cobiça do ouro, pela falta de escrúpulos, a fome que chega ao extremo de comer carne humana, a crueldade dos homens diante da riqueza, o sofrimento e a insegurança. Como o seu livro foi escrito mais de vinte anos depois da data dos acontecimentos reais, os seus relatos estão repletos de quadros imaginativos e de um imenso colorido, talvez para assim aumentar a atenção do leitor. Mas a principal característica que o torna mais um humanista do que simples marinheiro, é a admiração que exprime pela arte oriental e

pelo seu povo, demonstrando uma grande simpatia, compreensão e tolerância pelas civilizações asiáticas; o que não sucede com outros escritores portugueses, levados pelo fanatismo religioso.

Em ambos, o Oriente corresponde a uma profunda experiência pessoal, e Wenceslau de Moraes vai mais longe quando renega a sua condição de ocidental ao descobrir dia-a-dia a cultura do Extremo Oriente. Esta progressiva mudança na sua forma de vida revela-se na sua escrita. O autor pôs em prática o exercício do saber ver, contribuiu para a compreensão do outro através da sua sensibilidade, com a percepção do estudioso, seguindo a metodologia do documentar. A sua obra é a ponte que permite o intercâmbio civilizacional entre o Ocidente e o Oriente.

O seu estilo jornalístico, podemos assim afirmar, é o impressionismo. Documenta as suas descobertas, divulga a História do Japão e da China comparando-as continuamente com a do Ocidente em desfavor deste. Na abordagem do tema das relações de Portugal com o Oriente, Moraes declara que a obra missionária dos padres portugueses foi uma calamidade e que só lhes trouxe desprestígio aos portugueses, aumentando a repugnância racial dos japoneses para com os ocidentais, pois para o autor os portugueses enveredaram nos descobrimentos e travaram contacto com os orientais, não como heróis e humanistas, mas apenas como homens de “espírito de lucro, de rapina, de fanatismo, de intolerância religiosa e de todos os desregramentos concomitantes [...]”³⁷

Álvaro Manuel Machado considera a escrita e a visão de Wenceslau de Moraes sobre o Oriente como uma mera preocupação cultural enciclopédica que sofre a influência do exotismo orientalista da moda, “essa raiz histórica, encontrámo-la com facilidade no período dos Descobrimentos [...], passando mesmo pelo exotismo orientalista *fin de siècle*, um tanto de moda, de um Eça, de um António Feijó, de um Wenceslau de Moraes [...] o orientalismo de Wenceslau de Moraes tem um carácter enciclopédico e didáctico [...]”³⁸. No presente estudo não se partilha da mesma opinião, pois se assim fosse, a sua obra revelaria apenas factos, trabalho de

³⁷ *Relance da História do Japão*, Wenceslau de Moraes, Porto: Edição de Marânus, 1924, p. 261.

³⁸ Álvaro Manuel Machado, *O mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa: Biblioteca Breve/volume 72, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1983, p. 14.

investigação histórica e algumas considerações temáticas. O seu trabalho tem um alcance diferente do mero conhecimento enciclopédico, esse é superficial, usado apenas para impressionar os espíritos menos curiosos. As notas de cadernos de viagem; as descrições das paisagens, das populações e dos seus hábitos culturais; a correspondência trocada entre amigos e a irmã repleta de reflexões sobre o seu estado de espírito e sobre o que vai aprendendo e adoptando para si da cultura Oriental; todos estes pontos ultrapassam o conhecimento puramente objectivo ou a experiência exótica do Oriente.

Sobre a questão da interpretação da literatura de Wenceslau de Moraes como um mito, enquanto memória colectiva, concordamos com Álvaro Manuel Machado quando sustenta que Moraes “não chega a atingir um nível mítico”³⁹. Nenhuma das obras do autor poderá ser considerada um mito, pois a sua escrita não transmite o sonho nem a epopeia, não reflecte o encantamento ou o deslumbramento pelo Oriente, recorrente em autores da mesma época. Wenceslau de Moraes retrata com a clareza de quem observa sem juízos de valor, pinta com palavras a realidade que o envolve, não fantasia sobre o exotismo do Oriente, vive-o, sente-o, transmite-o na sua correspondência e em artigos que escreve com frequência para os jornais portugueses.

Moraes retrata com a maior precisão possível um Japão tradicional, mas que na sua perspectiva se encontra moribundo, empobrecido, em vias de extinção, devido ao toque da civilização ocidental que o vai transformando. Ou seja, Moraes prevê o desaparecimento da terra que tanto ama, que lentamente se ocidentaliza e se rende ao materialismo utilitário, ao pragmatismo e ao racionalismo. Por oposição, o autor defende a sensibilidade e a arte como forma suprema do conhecimento, “onde tudo está presente e, ao mesmo tempo ausente! Mundo soberbo e desconhecido como o próprio homem que nele se realiza de uma forma superior.”⁴⁰

³⁹ *Idem*, p. 16.

⁴⁰ Wenceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, introdução de Celina Silva, Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 17.

Para Moraes o Japão é arte, que é vivida como algo colectivo, é um sentimento que palpita, e ele procura captar esses momentos fugidios, transitórios, adaptando as técnicas impressionistas para exprimir a sua visão fragmentária, subjectiva e emotiva.

4.1 - TRAÇOS DO EXTREMO ORIENTE – RETALHOS

A presente obra pode ser dividida em duas partes principais, uma sobre as *Lembranças da China* e outra sobre as *Saudades do Japão*. Nesta primeira separação de textos, e principalmente através dos títulos escolhidos por Wenceslau de Moraes, podemos já vislumbrar os sentimentos que assolam o autor quer por um país quer pelo outro. As lembranças ficam na memória, vão-se esbatendo ao longo do tempo, são linhas ténues de existência que precisam de ser reclamadas para voltarem a ser vividas; as saudades estão no coração, são físicas, sentem-se, são a sensação da falta de nós próprios, como se houvesse um vazio que nunca pudesse ser totalmente preenchido.

Na China o autor sente-se expatriado, não se identifica com a cultura nem os costumes. A pobreza é extrema, o contraste entre as diferentes classes sociais é abismal, o sacrifício humano é demasiado penoso mesmo para quem apenas observa. Encontramos um primeiro testemunho no texto sobre o *jin-rick-shá*, prova “de miséria, que mais impressiona o europeu viajando no Oriente pela primeira vez [...] é um pequeno carro de duas rodas, elegante, confortável, com único assento para uma ou duas pessoas, e termina por dois longos varais que o condutor empunha, fazendo assim mover o singular veículo.”⁴¹ Prossegue descrevendo o ambiente que o rodeia, de uma “miséria paciente, que não murmura; cadáveres boiando nos rios, descendo com a vazante, subindo com a enchente; sede saciada nos charcos, fome nos monturos; núpcias nos antros, sem sorrisos, criancinhas arrastando os ventres no lodo, como sapos [...]”⁴² É esta a primeira imagem que nos assola o espírito, a tragédia da vida humana, tão distante daquela a que estamos habituados nas nossas pacatas cidades

⁴¹ Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1974, p. 29.

⁴² *Idem, Ibidem.*

desenvolvidas, nas quais se procura esconder a miséria da luz do dia e dos olhares alheios. Esta primeira imagem, que em nada corresponde ao nosso idílico imaginário sobre o Oriente, preencher-se-á com outros relatos tão tristes como bizarros nos escritos entre 1888 e 1894.

Faremos referência àqueles que quer pelo seu lado curioso, quer pelo facto de levantarem questões sobre o significado da existência humana, mais nos impressionaram. Assim, além do episódio do *jin-rick-shá*, acima mencionado, gostaríamos de referir *O Pé Pequeno*, *A Outra Mamã*, nos quais se reflecte a condição da mulher na China, condição caracterizada pelo abandono, pelo sofrimento, pela esperança de uma vida diferente da existência pela sobrevivência.

Em Dezembro de 1888 Wenceslau escreveu *O Pé Pequeno*, sobre a vida de uma comum família chinesa e as preocupações que, atormentando toda a família, levam a que os seus actos apoiados em infundadas esperanças, não alterem afinal o rumo do fatídico destino que lhes estava reservado. Ataxoi, a mãe, que além de se dedicar às lidas domésticas, fabricava “*pancheong*, o fogo-de-artifício mais popular de toda a China.”⁴³; o marido era marinheiro, e as “duas filhas mais velhas trabalhavam numa fábrica de sedas, do nascer ao pôr-do-sol.”⁴⁴ Ataxoi viu na filha mais nova de quatro anos, Agan, a salvação da família, uma vez que devido à sua beleza poderia mais tarde casar com um rico mandarim. “O mandarim, delegado supremo do soberano na povoação que administra cheio de fausto, do poderio, é o sonho de todas as solteiras castas do império, de todas as mães ambiciosas.”⁴⁵ Tendo em vista a promessa da felicidade, todos os membros da família trabalhavam e sacrificavam-se para que nada faltasse à pequena Agan, e enquanto comiam apenas o arroz cozido, “ela, a preguiçosa, segurando delicadamente nos dedos alvos as *faichys* de marfim, ia saboreando pedacitos de febra de porco, frescos mariscos [...]”⁴⁶ Assim como o seu corpo ia sendo transformado na exigente perfeição, maravilhando “a todos a pequenez suprema dos seus pés deliciosamente aleijados, comprimidos em ligaduras

⁴³ *Idem*, p. 32.

⁴⁴ *Idem*, p. 31.

⁴⁵ *Idem*, p. 32.

⁴⁶ *Idem*, p. 33.

de seda carmesim, [...] sem exagero de meio decímetro de comprimento.”⁴⁷ Durante os seus doces anos muitos “chinas abastados”⁴⁸ apareceram para a pedir em casamento, mas a família só a queria entregar ao esperado mandarim, que nunca chegou a aparecer. E tal como Agan, muitas outras mulheres envelheceram sós, “com os seus pobres pezinhos aleijados”.⁴⁹

Muitas das meninas chinesas eram vendidas em mercados. É sobre este triste facto que surge a história de Atchan em *A Outra Mamã*, escrita quase um ano depois. Uma história comum, de uma menina vendida no mercado de Cantão. “O facto é vulgaríssimo: abundam as crianças nas choças, como o lodo nos enxurros; a existência é rude, e o coração não fala quando agoniza, o estômago; vendem-se por baixo preço, quase ao custo das galinhas.”⁵⁰ Infelizmente este facto continua a estar presente, em pleno século XXI, no quotidiano dos países mais pobres, é com frequência que se ouve falar de tráfico de crianças e que surgem novas reportagens denunciando esta situação. Prosseguindo com a história de Atchan, que cresceu tratando por *mamã* a senhora que a tinha comprado, e que não querendo ter o seu dinheiro empatado em crianças, mal tendo Atchan idade, transformou-a numa dona de casa dando-lhe uma modesta habitação, onde vivia com uma velha criada e onde recebia por vezes marinheiros europeus e outros. Esta história termina com Atchan chorando com a notícia de que a sua verdadeira mamã viveria em Cantão e com a dúvida, sempre presente no espírito destas raparigas, se a sua família saberia do seu triste destino ou se por ventura teria alguma memória sua. Mas sempre com o desejo de reencontrar o lar perdido.

Outros dois episódios curiosos referem-se às crenças e tradições: *Remédio Santo* e *Um Eclipse Total da Lua*. No primeiro opõem-se os costumes e mezinhas orientais, nos quais o autor revela conhecimento em produtos medicinais. Estando Soihin, vizinha de Wenceslau, incomodada com uma dor que ia do ouvido à boca, e

⁴⁷ *Idem, Ibidem.*

⁴⁸ *Idem*, p. 34.

⁴⁹ *Idem, Ibidem.*

⁵⁰ *Idem*, p. 37.

sabendo Wenceslau do seu tormento aconselha-a a usar “uma pequena porção de pomada de beladona”⁵¹, conselho que não foi bem aceite pela doente, pois passadas seis horas do seu uso continuava queixando-se de dores. Sete dias depois encontrava-se boa devido, não à pomada, mas ao facto de ter bebido um chá com cinzas de uns papelinhos amarelos (com inscrições exprimindo votos de rápida cura) queimados por ela. Wenceslau promete não voltar a receitar mais nada a ninguém.

Em Novembro de 1892 dá-se na China um eclipse total da lua e o interessante neste relato é a crença que envolve este acontecimento. Habitualmente, pelas dez da noite as cidades chinesas encontravam-se em repouso, mas naquela noite foi surgindo por todo o lado, a pouco e pouco, o som de metais. Wenceslau não sabia do que se tratava e desconhecia tal crença que Amok, um alfaiate, lhe explicou: o povo batia nas panelas para impedir que o terrível sapo que se via no céu e tentava engolir a lua, o fizesse. Assim, perante tamanha desgraça, todos pediam ao deus do céu que os salvasse; os maus tomavam consciência dos seus actos e viam na aparição da lua uma nova oportunidade, os bons viam reconhecida a sua esperança. Seria assim que o deus do céu veria a natureza de cada um e distinguiria os bons dos maus.

Estes quatro testemunhos são bons exemplos da cultura e costumes chineses abordados por Wenceslau. Muito mais há para ser dito e lido, desde a alimentação, as habitações, os rituais dedicados aos mortos, como são tratados os leprosos, entre outros temas. Wenceslau tem uma obra vastíssima sobre o Oriente, tendo-se dedicado principalmente ao Japão, onde viveu durante os seus últimos 30 anos. É sobre esta segunda parte do livro que nos vamos agora debruçar.

Wenceslau apaixona-se de imediato por este país. “ «Cheguei ao Japão. Amei-o em transportes de delírio; bebi-o como se bebe um néctar.»”⁵² Os relatos sobre o Japão na obra em análise datam de 1894, faltavam ainda cerca de cinco anos para que Wenceslau se mudasse definitivamente para “essas paisagens azuis, essas paisagens cor-de-rosa, essas paisagens cor-de-fogo, e a verde ramaria dos cedros em grupos surpreendentes, e os penedozinhos caprichosos emergindo do espelho das águas

⁵¹ *Idem*, p. 37.

⁵² Wenceslau de Moraes, *Antologia*, Selecção de textos e introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Vega, 1993, p. 11.

[...].”⁵³ Estes seus escritos estão repletos de suspiros, de exclamações, de saudades dessa terra que teria de deixar e onde tudo era surpreendente para o autor.

O contraste entre a China e o Japão era grande. A China era caracterizada pela imundice, pela multidão feia e hostil ao europeu. O Japão, por ser totalmente o oposto, tornou-se, segundo Moraes, impossível de traduzir a sua grandiosidade. O autor foi referindo os locais por onde viajava, os novos costumes que ia conhecendo, mas a essência do Japão não era possível de ser dita em palavras, só se poderia sentir: “o encanto, que emana deste país abençoado, sente-se apenas, é como um perfume que se aspira, mas que as palavras não definem.”⁵⁴ Wenceslau detinha-se demoradamente apenas na descrição da mulher japonesa, a *musumé* que tanto o encantou e apaixonou. Mas a mulher japonesa surgia associada à paisagem, à casa que habitava, aos hábitos alimentares, aos trajes, à educação... podemos afirmar, que conhecendo a *musumé* conheceríamos a cultura tradicional japonesa.

Tal como para a paisagem japonesa, “descrever o encanto da *musumé* é trabalho impossível, para que não há retórica na nossa língua ocidental.”⁵⁵ Foi na tentativa de transmitir a beleza e singularidade da mulher japonesa que Wenceslau nos foi dando a conhecer os costumes nipônicos. Falou-nos da cortesia e do requinte, das cores dos seus kimonos, da sensibilidade às belezas naturais, da perfeição da concepção artística japonesa, da casa e do não uso da mobília, do asseio japonês, da exótica culinária, das *cháyas* que eram as casas de chá onde também se repousava.

4.2 - NOTÍCIAS DO EXÍLIO NIPÔNICO – POSTAIS ILUSTRADOS

Toda a correspondência é de extrema importância, pois esta revela o que de mais íntimo se passa com aquele que escreve, os seus pensamentos mais profundos, os seus desejos, os seus medos, os seus sonhos, as alegrias e as angústias.

⁵³ *Idem*, p. 130.

⁵⁴ *Idem*, p. 199.

⁵⁵ *Idem*, p. 134.

Como temos feito referência ao longo deste estudo, foi constante a troca de correspondência entre Wenceslau de Moraes com a família, amigos, editores, antigos camaradas, escritores, que o mantinham ao corrente da vida social, económica e política de Portugal, país do qual nunca se desligou e sobre o qual manteve um olhar crítico, comentando e gracejando a evolução cultural do mesmo no mundo.

A segunda obra em análise, *Notícias do Exílio Nipónico*, contempla cerca de oito centenas de postais escritos em Kobe e Tokushima, todos dirigidos à família. Além de revelarem a personalidade do autor, alegre e travessa visível nos postais humorísticos, enunciam os locais por onde viajou e são assim, testemunho visual e documental da época, dando a descobrir os costumes, a arquitectura, o vestuário e paisagens locais. Por exemplo, o postal que data de 24 de Junho de 1912, endereçado à sua irmã Francisca:

*“Hontem, domingo, almocei em Wakanoura, donde tens postaes. Depois, subi por um elevador que está perto, para ver a vista. Bella vista, mas mette medo o elevador, como poderás imaginar por esta photographia. Passeio um tanto longo, com 8 horas (ida e volta) de tramway eléctrico. Um abraço do teu, Wenceslau”*⁵⁶

São três décadas de correspondência, de recordações da infância, de pequenas notas circunstanciais, que apresentam o vasto leque de interesses de Moraes e que vão mudando de tom com a passagem dos anos. Se nos primeiros anos do século XX apresentava um tom jovial, a partir de 1912 começou a revelar um tom lúgubre, reflexo do seu crescente isolamento. O postal de 10 de Setembro de 1912, novamente para Francisca, ilustra bem o seu estado de espírito:

*“Tenho muitas cartas tuas a responder; não sei quando o farei; tu me perdoarás. Ando com a cabeça em água, esqueço tudo, um pateta. Calor, vários desgostos íntimos e finalmente a mudança (que ainda dura), pozeram-me assim. Mas hei de arribar!”*⁵⁷

Sabemos que pouco conheceu de Portugal, pois desconhecia muitas das paisagens que a sua irmã lhe enviava nos postais, e que também ficou por conhecer

⁵⁶ Wenceslau de Moraes, *Notícias do Exílio Nipónico*, Tomo I, Macau: Instituto Cultural de Macau, Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993, p. 499.

⁵⁷ *Idem*, p. 532.

grande parte do Japão. Exemplo do seu fraco conhecimento das terras portuguesas, é o postal que escreve à sua irmã Francisca,

*“Kobe, 30-10-07. Recebi dois lindos postaes da Guarda e um da Serra da Estrella. Obrigado. Regosijo-me em saber que tens visto muitas terras, que te encantam pela paisagem. Conhecer a gente somente Lisboa é viver com os olhos fechados. Cuida agora da tua saúde e não te faças a vida triste. Cumprimentos ao Esposo. Breve voltarei a escrever-te. Teu, W. Moraes”*⁵⁸

A sua correspondência ganha valor, não tanto a nível literário, mas como registo e testemunho vivo de uma alma, de uma vida, de um povo. A sua leitura ganha sentido aquando do conhecimento da obra e da vida do autor, dos seus ideais e da sua perspectiva sobre o mundo.

4.3 - RELATOS DO POVO JAPONÊS EM PORTUGUÊS

É forçoso fazermos referência aos diversos temas que Moraes foi tocando tanto ao longo da sua correspondência, como nos diferentes textos que escreveu. Um dos temas principais abordados refere-se aos costumes, isto é, Moraes propôs-se escrever os costumes do povo japonês, e para conseguir penetrar na essência de um povo é necessário conviver com ele, passar o dia-a-dia, observar as rotinas próprias de cada um.

*O que eu quero encontrar é a especialidade de costumes, de tradições, de aparências, dos homens, dos bichos e das coisas, que me sirvam de tema a estas páginas de divagações.*⁵⁹

O local escolhido para conhecer o Japão foi a pequena cidade de Tokushima, pois o autor preferia a gente da província que tinha mais interesse humano que as pessoas da cidade. Ninguém poderia ensinar mais sobre as suas tradições, que o povo

⁵⁸ *Idem*, p. 56.

⁵⁹ Wenceslau de Moraes, *Antologia*, Selecção de textos e introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Vega, 1993, p. 200.

que habitava ainda em regiões recônditas, seguindo os costumes ancestrais, os conhecimentos que passavam de geração em geração, uma forma de vida ainda distante do contacto com o Ocidente.

A impressão inicial do autor quando entrou pela primeira vez em Tokushima no ano de 1913, foi a sensação visual e olfactiva do verde. Um “verde, que entrava a jorros pelas pupilas dos meus olhos extasiados; verde, que aspiravam a jorros as minhas narinas palpitantes [...] Dir-se-ia uma embriaguez, produzida pela cor e pelo aroma: mas palavras não podem traduzir o que eu sentia.”⁶⁰ Tokushima era rica em peixe, arroz, cevada, legumes, hortaliças e frutos, mas era “antes de tudo, uma cidade de deuses, uma cidade de budas e uma cidade de mortos...”⁶¹ Foi nesta cidade que encontrou abrigo para a eternidade e onde se encontram também os túmulos das suas duas amadas O-Yoné e Ko-Haru.

Moraes relatou de forma simples e alegre a arte com que os japoneses viviam, recheada de alegria e de sorrisos. Descreveu a organização da família japonesa, a forma como viviam o casamento, desconhecendo o beijo; a organização e disposição de uma casa japonesa, a consagração dos mortos, sempre presente em todos os lares através do altar doméstico; a comemoração constante dos deuses feita em templos e com a existência periódica de festas religiosas. Em todas essas ocasiões sublinhou a simpatia e o convívio, ora no comboio, ora na casa de chá, ora no cemitério japonês.

Como tal, a vida na rua era de extrema importância, pois as vendas e as compras faziam-se na rua, e o mais frequente era as ruas serem percorridas pelos vendedores, onde homens e mulheres vendiam diversos artigos, como frutas, flores, peixes, sopas e uma interminável panóplia de quinquilharias.

Se na China existiam os *jin-rick-sha*, que transportavam o viajante sem gosto, apresentando um ar “desprezível, de besta de carroça”⁶², no Japão existia o *coolie*, que ao invés do protótipo da China, tinha orgulho do seu corpo de atleta, era conhecedor de lendas e de histórias, tinha um carácter honesto e modesto, apesar de ser rude pela

⁶⁰ *Idem*, p. 270.

⁶¹ *Idem*, p. 273.

⁶² *Idem*, p. 240.

educação e pelos hábitos. No entanto, o *coolie* que habitava nas cidades que iam sendo povoadas por europeus, era bastante diferente: fumava charutos, vestia casaca, “personifica o que há de mais desonesto, de mais bulhento, de mais insuportável, em gente japonesa.”⁶³ Moraes terminará esta observação chegando à conclusão de que essa mudança de atitude seria influência da cultura europeia:

*“Não deve já pôr-se dúvida nem ocultar-se, princípio que afinal de contas em nada surpreende: a civilização europeia, que corrompe como uma lepra a noção pura da arte, vai também apagando de afogadilho o que havia de intensamente enraizado, de simples, de modesto, de hospitaleiro, de nobre, de bom, no povo nipónico.”*⁶⁴

A alma deste povo caracterizara-se na sua essência pela impersonalidade⁶⁵ e fanatismo patriótico, que o levava a cometer o *harakiri*, a forma de suicídio de muitos guerreiros e servidores, como os samurais, generais e servos em honra do seu soberano; pela coragem, pois recebiam a morte com dignidade; pela arte e literatura encantadoras, com origem no naturalismo-panteísta; e pelo amor por animais.

Os japoneses demonstravam nutrir simpatia por muitos insectos e animais inferiores, eram frequentes os passeios “para ir ouvir o coaxar das rãs; outros sítios para ir ver os lumes vagabundos dos pirilampos cruzando-se no espaço, durante a noite escura; outros ainda para ir ouvir *cantar* – se o termo é admissível – certos insectos, uns semelhante os nossos grilos, outros de espécies diferentes.”⁶⁶ Comum era também o uso de gaiolas para esses pequenos seres, desde grilos a pequenas rãs (as *kajika*), cágados, pássaros (o *uguisu*, o rouxinol japonês).

Os estímulos sensoriais eram inúmeros e variavam de região para região: o pôr-do-sol, a partida dos barcos, a chuva durante a noite, o recolher dos patos bravos, a aparição dos pirilampos, o coaxar das rãs, entre muitos outros exemplos. Tudo isso existia também em miniatura, pois o japonês levava para casa um pouco de toda a

⁶³ *Idem*, p. 241.

⁶⁴ *Idem*, *Ibidem*.

⁶⁵ Carácter de impessoal, isto é, carácter de anulação do indivíduo em prol de algo superior, como a comunidade ou príncipe.

⁶⁶ Wenceslau de Moraes, *op. cit.*, p. 258.

natureza, tinha peixes numa bola de vidro, um grilo numa pequena gaiola, árvores que não crescem.

Wenceslau de Moraes tinha também por companhia um galo e três galinhas de raça anã, uma gata e o gatinho, seu filho. O afecto e a ternura que sentia pelos animais eram inestimáveis, e aquando da visita a uma exposição zoológica itinerante, Moraes meditou sobre a tristeza presente no olhar de um orangotango. A palavra é malaia e significa, homem dos bosques. “Que olhar!... Naquele olhar, que abismo de profundíssima tristeza!... Que epopeia inteira de angústias!... Só vendo-o, só vendo-o como eu o vi, é que se pode compreender tamanha dor!...”⁶⁷ E nestes seus pensamentos, comparava a figura do orangotango ao Zé-povinho de Rafael Bordalo:

*“No divagar do pensamento, julguei ter visto já e ser-me mesmo familiar a fisionomia do cativo. Ah, não havia dúvida, era ele!... Eu via-me em presença daquele tipo, já hoje legendário, do bem conhecido Zé-povinho, que Rafael Bordalo, o grande artista, tantas vezes traçara com o seu lápis, há vinte ou trinta anos, nos papéis. Tive então a ilusão nítida de contemplar naquele cárcere um mísero homem do povo, um carpinteiro português, a quem por escárnio houvessem consentido, que trouxesse consigo a ferramenta do ofício; condenado, sem culpa formada, a cativo perpétuo, até que a tísica... o indultasse!...”*⁶⁸

A ironia caricatural é fantástica!

Outro tema relevante é a língua e a literatura, cujas características permanecem intemporais e também nestas a natureza encontra-se presente, ou seja, a linguagem nipónica é essencialmente naturalista, repleta de onomatopeias, traduzindo a vida “com a sua imensa orquestra de clamores, de murmúrios e de espectros!...”⁶⁹ A poesia japonesa é representada pela *uta*, uma espécie de pequeno poema ou pequena canção, que reside no coração do homem, é “o murmúrio espontâneo, quase inconsciente, que o Japonês solta, como o rouxinol, como a rã, para traduzir o seu sentimento, de desejos, de alegria, de mágoa ou de dor. Se o espírito

⁶⁷ *Idem*, p. 265.

⁶⁸ *Idem*, p. 266.

⁶⁹ *Idem*, p. 225.

devaneia, o Japonês escreve um poema; se ama, escreve um poema; se sofre, escreve um poema; antes de suicidar-se, escreve um poema [...].”⁷⁰

A poesia remete-nos para o culto dos mortos, tal como esta, é intemporal, e é algo comum aos diferentes povos. No Japão é a base moral indígena, do sentimento da família, da nação. O morto não morre, não vai nem para o paraíso nem para o inferno, fica a pairar em espírito, num ambiente próximo dos seus parentes. “Quando um japonês morre, o bonzo budista da paróquia dá-lhe outro nome, em substituição do que tinha, e disto faz registo; é como que um baptismo, que marca o início de uma vida nova que sucede à primeira, mas invisível e eterna.”⁷¹ O culto dos mortos encerra em si a estima, o respeito, a adoração, devidos aos parentes mais velhos e principalmente aos que se foram.

Na Europa um pai procura ser um bom exemplo e deixar um nome honrado aos seus filhos; no Japão um filho, agora pai, usufruirá das suas virtudes para honrar os pais e os ascendentes. Quem morre é divinizado, continua a ocupar o seu lugar no lar, continua a merecer o carinho de todos os seus familiares (filhos, netos, bisnetos e todas as gerações futuras). O espírito do morto está liberto de todas as raivas, de todos os rancores, de todas as paixões terrenas; sem interesses, o espírito do morto é apenas “um núcleo de essência benfazeja, uma esfera atmosférica de bondade, propensa a beneficiar aqueles que compunham a sua família terreal.”⁷²

Por último, a arte. O japonês, segundo Moraes, tem uma concepção estética da arte bem definida: tem horror ao detalhe. O japonês retrata sempre a generalidade e nunca o particular, recorrendo à invocação de recordações e não à cópia do retrato. O que diferencia o ocidental do oriental é a forma de ver, “O Japonês vê a paisagem pelos olhos como nós; mas [...] quer também *cheirá-la*, quer também *ouvi-la*, quer também *senti-la* [...] A paisagem japonesa não provoca a exaltação do pensamento; embala-o.”⁷³ Quando perante uma mesma paisagem, o japonês contempla, o ocidental

⁷⁰ *Idem*, p.228.

⁷¹ *Idem*, p. 391.

⁷² *Idem*, p. 393.

⁷³ *Idem*, p. 284.

pensa. Por isso os japoneses são panteístas e criam deuses protectores em qualquer lugar, no rio, na montanha, na árvore, para diversas realidades, como as culturas, as cozinhas, os negociantes, os soldados, os lares, um pouco de tudo. “O povo japonês ama o deus-criador nos encantos da vida – na montanha, na ribeira, na árvore, na flor, na borboleta, na *musumé* – como quem amasse um sublime artista na obra-prima saída das suas mãos.”⁷⁴

5 - O EXÍLIO, A SAUDADE – “PINTURAS” NA OBRA DE WENCESLAU DE MORAIS

5.1 - EXÍLIO

*Custando-me principalmente a ideia de que morrerei como um cão abandonado...
Paciência; tenho coragem para tudo.*

O exílio é o despoletar da criação poética. Só através da solidão e de uma espécie de abandono de si mesmo e do mundo, é que o escritor consegue chegar ao mais profundo do seu eu. Wenceslau de Moraes exila-se por vontade própria, a sua solidão é provocada, e simultaneamente defende-se dessa solidão pela escrita, mas esta só se torna possível pelo alheamento. É um momento de criação e de estar circular, ou em espiral, se preferirmos. Compreender Moraes, passa por compreender que não existe homem solitário, mas antes homem isolado da civilização, que chega a ter uma vida mais intensa do que o homem social. Afirma o próprio que “o homem solitário, que não vê em torno de si senão a si, que não ouve em torno de si senão a si, não existe; acompanham-no, senão outros seres humanos, a lembrança de muitos seres humanos e o interesse por toda a humanidade, melhor ainda, por toda a criação.”⁷⁵ Ou seja, a sua família é a humanidade.

⁷⁴ Wenceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, introdução de Celina Silva, Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 235.

⁷⁵ Wenceslau de Moraes, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, Lisboa: Instituto Camões, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, p. 247.

Na figura do exilado, o desenho que faz de si próprio é um retrato estereotipado do clássico viajante e aventureiro, que abandona a decadência civilizacional e moral do Ocidente, mas que ultrapassa a simples aventura na procura do reencontro consigo mesmo. No entanto, a sua imagem é contrastante. Enquanto homem público, oficial de Marinha e diplomata, apresenta-se com verdadeiro aprumo e cuidado; enquanto exilado, o próprio transmite uma imagem um tanto triste, de um indivíduo que não se preocupa nem cuida da sua roupa, repleta de pêlo de gato, com longas barbas e cabelos desgrenhados, alguém que voluntariamente negligencia a sua imagem exterior. Este aspecto descuidado e solitário vem sublinhar a ausência da presença feminina na sua vida, a falta que sente da doce *musumé* que tanto idolatra. Mas sabe-se pela correspondência trocada e pelo espólio fotográfico que o autor nos legou, que recebia várias visitas na sua casa, como Francisco Peixoto Chedas, filho de um seu amigo oficial do exército; Rokuro Abe, um aluno que estudava português na escola de línguas Estrangeiras de Tóquio; Herman Tem Kate, antropólogo e médico holandês que assistiu Ó-Yoné em Kobe, com quem trocou também correspondência e que considerava Wenceslau de Moraes o “seu irmão de sonho”⁷⁶; Shium Chigen, uma bonza budista que o visitava mensalmente para as orações aos espíritos de Ó-Yoné e Ko-Haru; a senhora Fusako Hamamoto, uma enfermeira a quem recorria quando se sentia enfraquecido com os problemas de rins ou bronquite. Além destas visitas que recebia, convivia também com os vizinhos e comerciantes, como um camiseiro a quem encomendava os seus diferentes quimonos, o que denota uma certa preocupação mínima em relação ao seu conforto e aparência. Por exemplo, em 1928 apareceu elegantemente trajado à ocidental aquando das comemorações da introdução das armas no Japão pelos Portugueses, durante a visita do prefeito de Osaka, Kichibei Yangiwara.

Wenceslau de Moraes não deixou nunca de ser português, não deixou de ser visto como um europeu aos olhares desconfiados dos orientais. As crianças chamavam-lhe *Osoroshi*, “Senhor Medonho” ou *Oji San*, “Ancião” e, às vezes, até lhe atiravam pedras. Mesmo assim, ele amava as crianças e oferecia-lhes frutos e doces.

⁷⁶ *Idem*, p. 35.

No entanto a integração total não foi possível, e esta situação levou ao sentimento de frustração, qualificando-se a si próprio como exilado, expatriado, estrangeiro.

Os japoneses viam Moraes como o descendente de *nambam* – os Bárbaros do Sul – nome como os portugueses do século XVI eram designados; como *ketô-jin*, o “selvagem barbudo”; ou mais simpaticamente, como *Portugaru-San*, que significa “Senhor Portugal”.

A figura de Moraes é duplamente trágica, isto porque o autor passou 30 anos da sua vida no Japão, vivendo como um oriental, mas nunca sendo aceite como tal pelos locais. Por outro lado, tinha consciência da impossibilidade de comunicar plenamente aos ocidentais o Oriente, pois não conseguia transmitir verdadeiramente o real através das palavras, mas a representação e a sugestão do que observava e sentia, sendo que abraçou até à sua morte essa grandiosa tarefa.

5.2 - SAUDADE

Não peçam a estas páginas mais do que elas podem dar. São simples reflexos de impressões recebidas, de saudades, de devaneios.

A saudade é um sentimento difícil de definir. Pode ser interpretada como a ânsia desesperada de agarrar o instante que foge, está presente na dor da separação, nos lamentos da despedida, aumentando o peso e a amargura da existência. Está repleta de sentimentos contrastantes, como o gosto doce-amargo, ventura e desventura, morrer e renascer, vitória e derrota, deleite de amargura.

Aquele que vive a saudade pode senti-la de diversas maneiras, pois a saudade, sendo um remoinho de sentimentos, faz sobressair por vezes uns, por vezes outros. Há por exemplo, a saudade-solidão, que se expressa pela privação repentina das pessoas amadas ou pelo facto de se ser afastado dos lugares da infância. Esta saudade é física, é uma certa náusea que invade todo o corpo. Há também a saudade-lembrança, que é suscitada pelas recordações, pelo desejo de alguma coisa, é a visão de uma realidade que nos pertenceu, é a tentativa de parar o tempo no seu fluir. Caracteriza-se por um

contraste entre um estado psíquico presente e um passado, isto é, à tristeza opõe-se a alegria, à angústia a serenidade.

Seja qual for o subtítulo que se dê à saudade, esta passa sempre por um esforço de reviver o passado pela evocação, como se projectássemos esse mundo fantástico no próprio mundo em que vivemos. Este esforço de reviver o passado conduz a uma perturbação interior, perde-se o sentido do limite, vive-se no doce engano da consolação que nos leva ao desejo: o desejo de alcançar o que está ausente, o que está em falta e que causa no presente mágoa, desgosto e solidão.

A saudade é um sentimento inerente ao amor, porque a saudade é gerada pelo coração, sente-se, palpita e conserva vivo o amor. “Na lembrança, tudo volta a nós e ficamos assombrados pelas vozes do passado: procissão de recordações.”⁷⁷ É na recordação viva dos seus amores desaparecidos, O-Yoné e Ko-Haru, que Moraes vai encontrar forças e cultiva carinhosamente a saudade que sente por ambas, indo rezar todos os dias juntos dos seus túmulos. A presença destas duas mulheres é sentida, o autor faz referência a uma noite em que, ao regressar a casa, não era capaz de dar com o buraco do cadeado que tinha na porta. Um pirilampo aproximou-se para lhe dar luz. Seria o espírito de O-Yoné ou o de Ko-Haru a velar por ele?

O relato deste episódio faz-nos sorrir de ternura perante a imagem de um velho barbudo, vestido no seu kimono, que não conseguindo ver para abrir o cadeado e entrar em casa, reconhece no pirilampo que surge para o iluminar, uma das duas mulheres da sua vida. Afinal, não está só.

Torna-se inevitável recordar esse momento pelas palavras do próprio Moraes:

“Mas ponhamos de parte estas recordações de melhores tempos.

Depois de percorrer as ruas animadas de Tokushima, eis-me entrado no bairro quieto, quase aldeia, que avizinha o meu casebre. Pouco após, é a minha própria rua, esta absolutamente solitária, mergulhada em trevas e em silêncio. Já todos dormem, os seus escassos habitantes; e raro será o transeunte, munido de lanterna, como é costume por estas noites sem lua e sem estrelas, que venha perturbar, com o ruído dos seus passos, a paz habitual deste lugar.

⁷⁷ Sérgio Filippi, *A Saudade: apontamentos para um estudo*, Porto: Lello & Irmão, 1981, p. 47.

Agora, chego à minha porta. Busco nas algibeiras a chave do cadeado protector, que me garante das possíveis visitas dos ladrões. Encontro a chave; mas, cego pelas trevas, maldispuesto pelo desconsolo em que me sinto, pelos embrulhos que me pesam, pela fadiga que me enerva, pela chuvinha que me molha, multiplico-me em tentativas, prodigalizo-me em manejos, sem conseguir dar com o buraco do cadeado e abrir a porta. Assim se passam uns minutos, que bem longos me pareceram e me iam levando quase ao desespero. Então, de dentro da rama espessa da árvore única, um carvalho, que se ergue robusto e vicejante mesmo à entrada do casebre, a luzinha azulada de um pirilampo surdiu e começou a volutear cerca de mim; tão próximo das minhas mãos e do cadeado, que me permitiu sem custo servir-me da chave eficazmente, podendo penetrar em minha casa.

Abençoado insecto, que veio assim, na ampla curva do voo casual, tão gentilmente beneficiar-me!... Casual? E porque não premeditado?... Ponho-me agora a divagar em estranhas conjecturas. Nesta grande cidade de Tokushima, que conta cerca de setenta mil habitantes, duas únicas criaturas, ninguém mais, duas mulheres indígenas, filhas do povo, da mesma família, tia e sobrinha, OYoné e Ko-Haru, seriam capazes, se ainda existissem, de se dar à incómoda tarefa de virem de longe, arrastando as sandálias pela lama, lanterna de papel transparente suspensa dos deditos, para alumiar o meu caminho e facilitarem-me a operação de abrir a minha porta. Mas estas duas criaturas já não podem vir aqui, jamais aqui virão; já não existem; morreram; morreu primeiro a tia, depois a sobrinha, num intervalo de quatro anos. Vi-as eu, ambas, fazerem frias, descoradas, sobre as colchas dos seus leitos, como hastes de plantas mimosas, que duas rajadas de tempestade houvessem cortado cerce, brutalmente. Não, já não podem vir aqui, jamais virão aqui. Quanto ao insecto, atribuir-lhe simples intenções benévolas a meu respeito, seria disparate. No entretanto, aquele insecto... Não são os Japoneses que crêem que os seus mortos podem voltar à Terra, encarnados noutros corpos, uma ave por exemplo, um insecto por exemplo, embora conservando reminiscências afectivas de suas existências anteriores?...

Após esta última interrogação, que o meu espírito a si próprio se fizera, senti não sei que angústia pesar tão duramente, que me estacou de súbito as pulsações do coração. Foi um momento apenas. Em seguida, mais sereno, não pude conter estas palavras: “Será O-Yoné?... Será Ko-Haru?...” A frase soltou-se-me a meia-voz dos lábios trémulos, ungida de amargura, e então, fitando o espaço negro, ainda distingi, longe porém, a rutilância exígua do insecto, como uma estrela pequenina, que subisse, que subisse em curvas serpentinadas, até alcançar o firmamento!...”⁷⁸

Wenceslau de Moraes, vivendo num estado de exílio e distante do seu país de origem, abraçou o culto da saudade. Esta será a expressão genuína da alma portuguesa, que levará à renovação moral e espiritual do país, podendo até substituir

⁷⁸ Wenceslau de Moraes, *Antologia*, Selecção de textos e introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Vega, 1993, p. 150 e 151.

as religiões. Também o exotismo é ele religioso, porque leva a uma experiência mística, de abandono do eu à transcendência dos sentidos. O esteta, na contemplação da Natureza compreende que a dor é indiferente para esta, pois tudo é o ciclo da vida, da renovação, do caminho para a eternidade. Wenceslau de Moraes ultrapassou o mero esteticismo, não se perdendo na contemplação e na saudade, mas levando-se até às últimas consequências, sendo por fim reconhecido pelo Outro, que o via como diferente, como igual. O que se verificou pelo nome póstumo budista que lhe foi atribuído, e que já foi referido na presente investigação.⁷⁹

6 - A IMPORTÂNCIA DE SER O INTÉRPRETE NO ENCONTRO DE DUAS CIVILIZAÇÕES – WENCESLAU DE MORAES HUMANISTA

Além do seu grande valor literário, o autor apresenta profundos conhecimentos de História, Sociologia e Arte que resultam da sua investigação.

Os diferentes temas apresentam-se de forma circular, desconcentrada, ou seja, são temas retomados nos diversos livros, mas de uma forma sempre diferente e nova, pois a sensação que se pretende fixar é única e efêmera, daí que a obra esteja sempre a fazer-se, sempre em construção. Daí também o elevado grau de perfeccionismo de Moraes, que não relata apenas o que observa, mas procura comunicar a impressão e a sensação do que interioriza. São raras as situações em que Wenceslau não se irradia de admiração e espanto pela *musumé*, assim como pelo facto do Japão ter aprendido a conciliar um passado de tradições com a assimilação da ciência e técnica ocidentais, tornando-se um verdadeiro exemplo da conjugação dos valores europeus e asiáticos, sendo o retrocesso algo impossível e indesejado. No Japão, o passado não é algo morto, como acontece muitas vezes nos países europeus, que têm dificuldade em viver com as tradições como se tivessem que estar continuamente a reinventar-se ou a renascer, esquecendo as raízes e de onde vêm. No Japão, o passado é fonte de inspiração, é onde se sacia a sede e se descansa a mente cansada; combinando a

⁷⁹ Vide p.17.

tradição e a modernidade consegue “progredir sem perder a elegância do estilo e o culto da beleza na vida de todos os dias.”⁸⁰

Nesta repetição dos temas, que não chega a cansar o leitor pelas particularidades da sua escrita, o autor faz uma divisão temporal dos mesmos. Assim, temos o passado quando trata da história e da arte, o presente quando tece considerações sociais, e o futuro quando prevê que o Japão se tornaria numa das maiores potências mundiais.

Esta primeira aproximação cultural, a pedra de toque, foi feita por Moraes que aprofundou o contacto com o Oriente e embrenhou-se profundamente numa civilização tão diferente da sua, enriquecendo a sua visão intelectual e aprofundando o seu humanismo.

Wenceslau de Moraes chegou ao Japão sem nenhuma expectativa, isto quer dizer, ao contrário dos seus contemporâneos que ao abandonarem a Europa iam para o Oriente com o imaginário repleto de imagens pré-concebidas, Moraes acolheu na sua alma esta nova terra como uma tábua-rasa. Afirmou, “quanto mais me sinto povo, quanto mais me sinto japonês, mais me enfeitiça essa indefinível impressão do estranho, que é afinal de contas todo o bem que tenho encontrado nas viagens.”⁸¹

O contacto com outros costumes, com diferentes formas de ser, privilegiam quem viaja, que estando atento ao que o rodeia e a si próprio, poderá descobrir-se no outro de uma forma muito mais profunda e autêntica. Quando conhecemos o outro, quando aprendemos a respeitar as diferenças, torna-se incompreensível qualquer justificação para uma guerra. As viagens empreendidas pelo autor permitiram-lhe alargar as suas perspectivas, compreender novos pontos de vista. Neste aspecto, Wenceslau foi um verdadeiro humanista. Tudo o que escreveu foi baseado numa observação minuciosa, não foi produção de um romantismo ficcional, mas resultou de um profundo conhecimento e compreensão do outro. São estas características que tornam o autor tão respeitado entre os japoneses, pois ele conseguiu observar de tal

⁸⁰ Wenceslau de Moraes, *op. cit.*, p. 22.

⁸¹ *Idem*, p. 131.

maneira o povo japonês, que foi capaz de revelar a sua vida, as suas qualidades e os seus defeitos mantendo-se sempre actual.

Certos aspectos não foram captados na sua totalidade por Moraes, como foi o caso dos *haikai* (pequenos poemas) ou do Teatro Nô, isto devido à lacuna linguística, pois o autor não lia japonês, não sendo possível a compreensão da profundidade da prosa e da poesia. No entanto, apesar da barreira da língua, Wenceslau de Moraes é o exemplo da possibilidade da síntese harmoniosa entre diferentes culturas com diferentes valores. Neste processo de integração e compreensão, Moraes reescreveu alguns contos tradicionais japoneses e provérbios, procurando por si uma moralidade própria do povo japonês.

A sua escrita, de carácter impressionista, reflecte essa sua relação com a humanidade, com toda a criação, que está presente nas diversas reflexões que nos apresentou e na panóplia de temas que abordou, incluindo a Natureza, as pessoas que o rodeavam, as leis da física, a psicologia, a filosofia, as epidemias, a religião, o devir da humanidade, as lendas e costumes do Japão, a situação económica, social e política de Portugal e do Mundo.

A mecânica, a forma como abordou esses temas, como foi tocado pelo mundo, confere-lhe uma escrita muito própria, autobiográfica, íntima, introspectiva e simultaneamente, espontânea e confessional, marcada por uma profunda oralidade e circularidade do texto. A sua escrita surge como um diálogo com o leitor, apresentando um ritmo e estilo próprios.

A sua universalidade está presente pela sua forma de ser. Wenceslau de Moraes afastou-se do exotismo convencional e da visão estereotipada do Japão, e deixou-se envolver por uma profunda, mas não excessiva, admiração por aquele país, apesar da dificuldade que encontrou, por parte do outro, em conseguir plena integração. Uma vez mais o lado humanista de Moraes revela-se, pois não se deixou abater pelas circunstâncias adversas, antes enfrentou-as, procurando compreendê-las, interpretá-las e analisá-las. Chegou à conclusão que transportava consigo a herança de todos os ocidentais, que uma grande barreira moral e racial o separava do povo que amava e com quem queria conviver, e que nunca deixaria de ser visto como o selvagem barbudo, o *ketô-jin*.

As suas experiências são verdadeiras provas de que a coexistência pacífica entre povos tão diferentes pode existir, aliás, são prova de que por vezes encontramos a felicidade ou o nosso caminho para a paz, não nos nossos costumes ou seguindo a tradição do nosso local de baptismo, mas sim no desconhecido. Como se este novo mundo tivesse estado sempre à espera de ser descoberto, sendo inevitável o encontro fraterno com o seu verdadeiro eu.

Esta conciliação de valores pode ser a semente para uma cultura universal, uma cultura de equilíbrio e de procura. Os velhos sistemas de pensamentos encontram-se ultrapassados, é necessário revigorar as enfadonhas estruturas sociais, fazer valer o ideal ocidental de que o mundo é uno. Foi a ausência deste ideal que Wenceslau sentiu nos últimos anos de vida, morrendo isolado num meio hostil, onde a sua japonização não foi bem aceite, mas onde também após a sua morte em Tokushima erigiram um monumento em seu nome e rebaptizaram-no segundo o ritual shintoísta como *Sokoinden Kyokushmo Bunken Daikojii*, o que significa, *Peregrino Escritor habitando um Castelo de Algas com a Luz resplandecente*.

7 – CONCLUSÃO – WENCESLAU DE MORAES: PALAVRA E IMAGEM ENTRE DUAS CIVILIZAÇÕES

A importância da abordagem de Wenceslau de Moraes aquando do ensino do português como língua segunda ou estrangeira deverá ser feita, não apenas à luz de todo um passado de conhecimento e de relação entre as duas culturas mas, principalmente através do olhar interessado, de amadurecimento e de profunda reflexão que o autor nos oferece nas diversas obras. Pela leitura das mesmas, é-nos dado a conhecer o povo português e a sua cultura em contraposição com todas as outras culturas que contacta ao longo das suas viagens, debruçando-se mais pormenorizadamente e com extrema paixão, pela sua pátria de eleição, o Japão.

Absorvendo a cultura oriental, Wenceslau de Moraes tinha como intenção realizar uma obra mista, ou seja, pintura e escrita coexistiriam, tal como nas pinturas japonesas, que têm habitualmente legendas que são pequenos poemas, *haikai*. A sua escrita diarística, documental, completava-se com os esboços que o próprio fazia e que estão presentes nos seus manuscritos, com a colecção de álbuns fotográficos e de

postais ilustrados. Todas as imagens recolhidas por si estão comentadas segundo as reflexões que lhe suscitavam. A importância que Wenceslau de Moraes atribui às imagens, principalmente ao postal ilustrado, antecipa o que viria a ser no futuro a era do audiovisual.

Ao entregar-se a uma outra cultura tão diferente da sua de origem, Wenceslau oferece a quem o lê uma multiplicidade de perspectivas, um mundo de considerações quer do ponto de vista do olhar ocidental, quer do ponto de vista daquele que abraça o Oriente como seu. É neste sentido que Wenceslau de Moraes é importante no ensino do português, não apenas como autor de obras documentais, mas também como exemplo da delicadíssima literatura produzida, cuja existência talvez se deva apenas pelo contacto com o outro na descoberta de si.

Actualmente, é cada vez mais importante documentar, revelar, dar a conhecer todas as realidades que nos circundam e aprender a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, aprender a acolher o outro sem imagens pré-concebidas, aprender a respeitar as diferenças e a compreender novos pontos de vista. Quando conhecemos verdadeiramente o outro, torna-se incompreensível qualquer justificação para uma guerra. Neste aspecto, Wenceslau foi um verdadeiro humanista.

Wenceslau de Moraes escreveu em português, e principalmente para os portugueses, “rapazes da minha terra”⁸², “companheiros”⁸³, “amigos que me escutam”⁸⁴, mas também para todos os leitores europeus. Podemos concluir que o seu percurso literário passa do naturalismo ao impressionismo saudosista, pois dedicou os seus escritos aos portugueses, escreveu como que dialogando com os leitores, leitores esses que como ele, falam a mesma língua, a língua portuguesa. A língua é interpretada assim como sendo o porto de abrigo, como a pátria que nunca se esquece nem se abandona verdadeiramente.

⁸² Wenceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, introdução de Celina Silva, Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p.31.

⁸³ *Idem*, p. 124.

⁸⁴ *Idem*, p. 161.

O filho de Wenceslau de Moraes, João de Sousa Moraes, sentiu necessidade de aprender a língua portuguesa para conseguir compreender a escrita e pensamento do seu pai. Afirma:

“Foi em Xangai que tomei conhecimento, pela primeira vez, do grande apreço merecido pelos livros de meu pai a todos os portugueses, e resolvi-me, então, a aprender a sua língua. Há três ou quatro anos que a estudo, principalmente sem professor; ainda não posso falar mas, felizmente, já aprendi o bastante para ler a bela literatura portuguesa!”⁸⁵

Wenceslau de Moraes sempre procurou captar através da palavra o inacessível, o intangível, de modo a seduzir o leitor, a partilhar os sentimentos e sensações. Tudo isto através da paixão da palavra, exprimindo-se num tom de naturalidade e intimidade, que reflectem a recusa da eloquência e do didactismo, mas de uma extrema sensibilidade e elegância que deleitam os espíritos mais despertos para os prazeres dos sentidos e para a contemplação.

A grandeza da obra de Wenceslau de Moraes reside na sua verdadeira experiência humana, pois apesar de nunca ter conseguido encontrar a felicidade duradoura, teve momentos de grande plenitude, graças à comunhão harmoniosa que conseguiu estabelecer entre os sentimentos de inspiração cristã e budista, estabelecendo complexos e fortes laços entre as diferentes culturas. Laços que ainda hoje perduram e se reforçam culturalmente há mais de 150 anos.

A sua obra é intemporal, não porque seja um clássico da literatura, mas porque toca o íntimo do ser humano: a procura da felicidade. Foi noutra cultura que a descobriu e a viveu aos pedaços, compreendendo que uma vida simples e despojada das falsas riquezas materiais da vida ocidental, lhe permitiria encarar a morte com maior serenidade. Tal não foi totalmente alcançado, mas uma coisa é certa, quem lê Wenceslau de Moraes não fica indiferente ao que o rodeia. Quem lê os seus pensamentos, as suas descrições, os seus desabafos, não fica indiferente à aventura que é descobrir-se numa outra cultura totalmente diferente da sua. Quem lê Wenceslau de Moraes sente-se impulsionado a partir à descoberta, a conhecer o

⁸⁵ Danilo Barreiros, *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*, Lisboa: Instituto Português do Oriente, Livros do Oriente, 1990, p.78.

Japão, o mundo, a humanidade. Quem lê Wenceslau de Moraes sente-se lançado numa missão e terá que superar o desafio, descobrir a felicidade pelo contacto com o próximo, mas tal como se verificou com Moraes, não é possível cortar totalmente os laços com a nossa pátria. Assim, um dos objectivos a atingir é alargar a sua dimensão humana, ou seja, tornar-se mais universal tornando-se mais português, pela partilha da cultura, da língua, das experiências. Daí a importância do ensino do português, para que seja possível uma maior compreensão de nós próprios e do outro. Nesta missão, o segundo desafio é predispor-se a documentar o que se aprende, o que se observa, o que se sente. Tal como Moraes, perpetuar a memória pela palavra e pela imagem, culminando a grande tarefa no encontro e na amizade entre dois povos.

Podemos concluir que a importância da sua escrita diária, ao estilo de documentário com o complemento da imagem através dos postais ilustrados e da fotografia, foram essenciais tanto para Portugal como para o Japão. Para Portugal, porque através desses relatos e da observação minuciosa do Oriente feita ao longo de anos, permitiu aos Ocidentais um conhecimento verdadeiro, sem os delírios dos poetas apaixonados pelo exotismo, do que é ser japonês, do que compõe a paisagem que apaixonou tantos que a vislumbraram, e que costumes e valores professam, terminando com o que podemos e, provavelmente deveremos, reter dessa aprendizagem para a nossa cultura ocidental. Para os japoneses, porque apesar de um passado de contacto com os ocidentais nem sempre feito de alegres encontros, foi-lhes dado a conhecer um homem de espírito diferente, que mostrou que é possível a adaptação e a adopção de novos hábitos, de uma nova forma de vida, apesar da divergência de raízes culturais.

O que retemos desta experiência? O essencial a compreender, é que ensinar não é só transmitir os conhecimentos previamente adquiridos, mas é ter a ousadia de estar sempre atento, ter a ousadia de se inovar, a ousadia de se refazer, viver na pré-disposição para aprender sempre, pois a aprendizagem é contínua. Para ensinar, é preciso primeiro aprender, quando se ensina, aprende-se também com o outro. Este deverá ser o espírito daquele que se propõe a ensinar a sua própria língua e a sua cultura, de que o aprendiz afinal somos todos nós.

Este trabalho de investigação termina com duas frases do nosso autor, que na sua simplicidade revelam a amplitude da sua obra e da sua vida:

“Tudo tem a sua História - , os grandes acontecimentos mundiais, como as pequeninas banalidades da vida quotidiana.”⁸⁶

“Não, não queiramos que os outros sintam como nós sentimos.”⁸⁷

Pensamos que a mensagem de Wenceslau se funde com as palavras de Armando Martins Janeira, incitando o leitor à descoberta da sua própria História, ter a audácia de conhecer o outro e de se conhecer a si, “aprender o gosto da ousadia e da coragem, a sede da aventura e do desconhecido e aquela loucura iluminada sem a qual a vida seria um conto insípido e banal.”⁸⁸ Mais ainda, perpetuar as suas vivências pela palavra, vivências essas que quando são de cariz humanista, de reflexão, de amadurecimento dos valores humanos, tornam-se intemporais, pois dizem respeito à essência do ser humano.

“Concentro-me todo na decifração deste enigma. A princípio, tão vaga é essa impressão de angústia, que me encontra perplexo, duvidando quase do meu próprio desalento. Pouco a pouco, define-se uma dor, dor toda de alma, irradiando não sei donde, roendo não sei que fibras. E esta dor desperta-me, chama-me rudemente á realidade, acorda em mim a voz interior que existe em todos nós, que nos fala no isolamento, que nos aconselha nos revezes, que nos acusa por vezes, que nada desconhece do que há de bom e de mau em nós mesmos. Compreendo-me enfim. Sim, é precisamente isto, uma coisa me falta.

«Queres saber o que é?», murmura-me então esta voz íntima.

«É a felicidade, o bem inefável que não se aluga, que não se compra, que não se mercadeja, que desce do céu, quando desce; o sopro alegre e são da vida, que dá ao homem o amor de si mesmo, o amor dos outros homens, um caminho, um rumo, na viagem da existência.»”⁸⁹

⁸⁶ Wenceslau de Moraes, *A Vida Japonesa*, Porto: Lello & Irmão Editores, Porto: 1985, p. 7.

⁸⁷ *Idem*, p. 151.

⁸⁸ Wenceslau de Moraes, *Antologia*, Selecção de textos e introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Vega, 1993, p. 16.

⁸⁹ Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1974, p. 68.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIROS, Danilo, *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes*, Lisboa: Instituto Português do Oriente, Livros do Oriente, 1990.
- *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, 1999.
- CALAFATE, Pedro, *História do Pensamento Filosófico Português V – O Século XX*, Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- CARNEIRO, Roberto/ MATOS, Teodoro de (org.), *O século cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de Amizade Portugal-Japão (1543 - 1993)*, Lisboa: Centro Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 1994.
- CASIMIRO, Augusto, *S. Francisco de Xavier e os portugueses*, Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral do Ultramar, 1954.
- *Colóquio Internacional Comemorativo Dos 450 Anos De Amizade Portugal Japão 1543-1993, O século cristão do Japão : actas*, Lisboa: Fundação Eng. António de Almeida, 1994.
- COSME, João/ MANSO, Maria de Deus, *Estudos da História da Expansão Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- COSTA, Dalila L. Pereira da, *Introdução à saudade : antologia teórica e aproximação*, Porto: Lello & Irmão, 1976.
- COSTA, Dalila L. Pereira da, *Místicos portugueses do século XVI*, Porto: Lello & Irmão, 1986.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *A descoberta da civilização japonesa pelos portugueses*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.
- DIAS, Jorge (org.), *Do Kansai a Shikoku – Traços da Última Jornada de Wenceslau de Moraes*, Macau: Instituto Cultural, 1988.
- FELDMANN, Helmut, *Wenceslau de Moraes e o Japão*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992.
- FILIPPI, Sérgio, *A Saudade: apontamentos para um estudo*, Porto: Lello & Irmão, 1981.

- FRÓIS, Luís (autor da apresentação: GARCIA, José Manuel), *Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.
- GRAÇA, Luís, *A Visão do Oriente na Literatura Portuguesa de Viagens: os viajantes portugueses e os itinerários terrestres (1560-1670)*, Lisboa: Imprensa nacional/ Casa da Moeda, 1983.
- GUILLERMOU, Alain, Os jesuítas, (posfácio do P. Manuel Antunes, trad. Fernando Melro,) Mem Martins: Europa-América, 1977.
- INSO, Jaime do, *O Exilado de Tokushima*, in *Visões da China*, Lisboa: Ed. do Autor, 1933.
- JANEIRA, Armando Martins, *O impacte português sobre a civilização japonesa seguido de um epílogo sobre as relações entre Portugal e o Japão do século XVII aos nossos dias*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.
- JANEIRA, Armando Martins, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa: seguido de epílogo sobre as relações entre Portugal e o Japão do século XVII aos nossos dias*, Prefácio de Pedro Canavarro, 2ª edição, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.
- JANEIRA, Armando Martins. *Portugal e o Japão. Subsídios para a história diplomática*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1955.
- LABORINHO, Seixo e Meira (org.), *A Vertigem do Oriente, Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*, Lisboa-Macau: Edições Cosmos, Instituto Português do Oriente, 1999.
- LIMA, Durval Pires de, *As cartas dos Jesuítas*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1983.
- LOURENÇO, Eduardo, *O labirinto da saudade : psicanálise mítica do destino português*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *O mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Biblioteca Breve/volume 72, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1983.
- MATOS, Artur Teodoro de Matos, *N Rota da Índia – Estudos de História da Expansão Portuguesa*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994.

- MORAES, Wenceslau de, *A Dança das Borboletas*, Lisboa: O Independente, Edição de Vasco Rosa, 2004.
- MORAES, Wenceslau de, *A Vida Japonesa*, Porto: Lello & Irmão-Editores, 1985.
- MORAES, Wenceslau de, *Antologia*, selecção de textos e introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Veja, 1993.
- MORAES, Wenceslau de, *Dai-Nippon*, introdução de Celina da Silva, Porto: Livraria Civilização Editora, 1983.
- MORAES, Wenceslau de, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- MORAES, Wenceslau de, *Notícias do Exílio Nipónico Tomo I*, prefácio, transcrição, comentários e notas de Jorge Dias, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.
- MORAES, Wenceslau de, *Notícias do Exílio Nipónico Tomo II*, prefácio, transcrição, comentários e notas de Jorge Dias, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993.
- MORAES, Wenceslau de, *O Pescador Urashima*, Lisboa: Parque Expo 98, S.A., 1997.
- MORAES, Wenceslau de, *Os seres no Japão*, Lisboa: Brando, 1925.
- MORAES, Wenceslau de, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, Lisboa: Instituto Camões, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- MORAES, Wenceslau de, *Relance da História do Japão*, Porto: Edição de Marânus, 1924.
- MORAES, Wenceslau de, *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1974.
- NEVES, Álvaro (org.), *Osoroshi* (correspondência de Moraes para Dias Branco), Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1933.
- PEIXOTO da Fonseca, Fernando V., *A influência da língua portuguesa no vocabulário japonês* [s.n.] Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa 19, 1968.
- PEREIRA, Ângelo/ CÉSAR, Oldemiro (org.), *Cartas Íntimas de Wenceslau de Moraes*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1994.

- PIRES, Daniel (org.), *Cartas do Extremo Oriente*, Lisboa: Fundação Oriente, 1993.
- PIRES, Daniel, *Wenceslau de Moraes – Fotobiografia*, Lisboa: Fundação Oriente, 1993.
- REIS, Felipa Lopes dos, *Aspectos da cultura japonesa*, Almada: Unidade de Investigação e de Formação Avançada Luso-Africana do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares, 2002.
- SAID, Edward W., *Orientalismo: representações ocidentais do oriente*, Lisboa: Cotovia, 2004.
- SARAIVA, A.J., LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 1996.
- THOMAZ, Luis Filipe F. R., *De Ceuta a Timor*, Algés: Difel, 1998.

WEBEGRAFIA

- MANSO, Maria de Deus Beites, *A Companhia de Jesus e as culturas não ocidentais: o caso do Padre António Vieira*, Évora: Universidade de Évora, [consult. Janeiro de 2012]. Disponível na internet: <URL: <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/2317/1/Maria%20de%20Deus%20Manso-%20VieiraNICPRI.pdf>>
- MANSO, Maria de Deus Beites, *Contexto histórico-cultural das missões na Índia: séc. XVI-XVII*, Brasil: Unisinos – Revista Online, [consult. Janeiro de 2012]. Disponível na internet: <URL: <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/historia/article/view/htu.2011.153.08/608>>
- MANSO, Maria de Deus Beites, *O Cristianismo Na Índia: Da Difusão Ao Confronto (Séc. XVI-XVII)*, Lisboa: 2003, [consult. Janeiro de 2012]. Disponível na internet: <URL: http://triplov.com/cictsul/maria_de_deus.html>
- MARTINS, Ingrid Bloser, *Portugal e o Japão: Armando Martins Janeira e Wenceslau de Moraes, duas personalidades humanas diferentes*, [consult.

Março de 2011]. Disponível na internet: <URL: <http://ebookbrowse.com/ingrid-bloser-martins-portugal-e-o-japao-pdf-d110914057>>

- SEABRA, Leonor Diaz, *Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII)*, Brasil: Unisinos – Revista Online, [consult. Fevereiro de 2012]. Disponível na internet: <URL: <http://www.unisinos.br/revistas/index.php/historia/article/view/htu.2011.153.09/609>>

ANEXOS DOCUMENTAIS

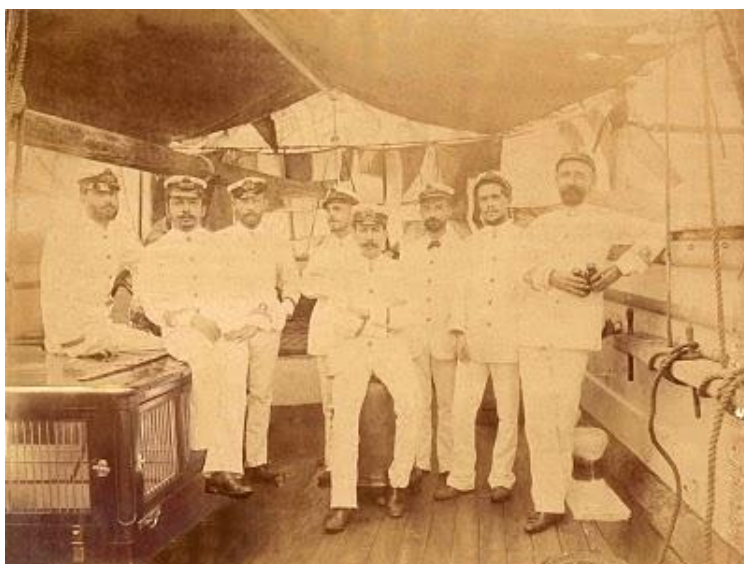
1. FOTOBIOGRAFIA

Anexo 1. Wenceslau de Moraes em 1858, aos cinco anos de idade.



Anexo 2. Wenceslau de Moraes com o uniforme de marujo da Armada e embarcado.

Primeira metade da década de 1870 (na fotografia de grupo Moraes é o último à direita).



Anexo 3. Wenceslau de Moraes com um dos seus filhos e Camilo Pessanha em Macau (cerca de 1897).



Anexo 4. Wenceslau de Moraes no seu gabinete de trabalho do Consulado de Portugal em Kobe.



Anexo 5. Wenceslau de Moraes, com o seu cão ao colo, na companhia da família do Cônsul de França, Monsieur Fossarieu, em Kobe.



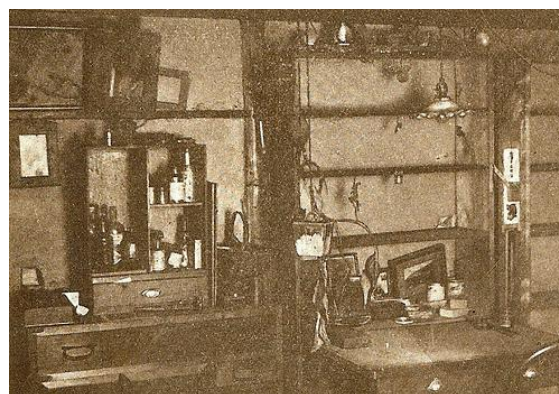
Anexo 6. Ó-Yoné Fukumoto em retrato fotográfico com dedicatória a Wenceslau de Moraes.



Anexo 7. Wenceslau de Moraes com o seu cão, Ko-Haru e a família desta.



Anexo 7. Aspectos do interior da casa de Wenceslau de Moraes, em Tokushima, pouco depois da sua morte. Fotografias publicadas em Janeiro de 1930.



Anexo 8. Tamon-dori, Kobe - Kobe, 12 de Setembro de 1911 – Exemplo de um dos muitos bilhete postais enviados por Wenceslau de Moraes.



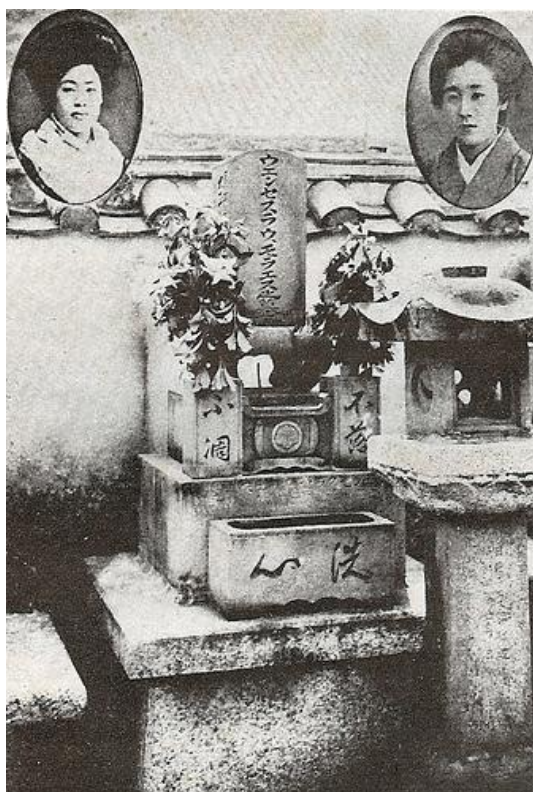
Anexo 9. Cherry Blossoms at Maruyama-park, Kyoto - Kobe, 7 de Setembro de 1912 – Bilhete postal enviado por Wenceslau de Moraes



Anexo 10. (Sem Título). - Kobe, 3 de Dezembro de 1909 – Bilhete postal enviado por Wenceslau de Moraes.



Anexo 11. Túmulos de Ó-Yoné e Ko-Haru, em Tokushima.



Anexo 12. Wenceslau de Moraes seguindo o ritual do chá.



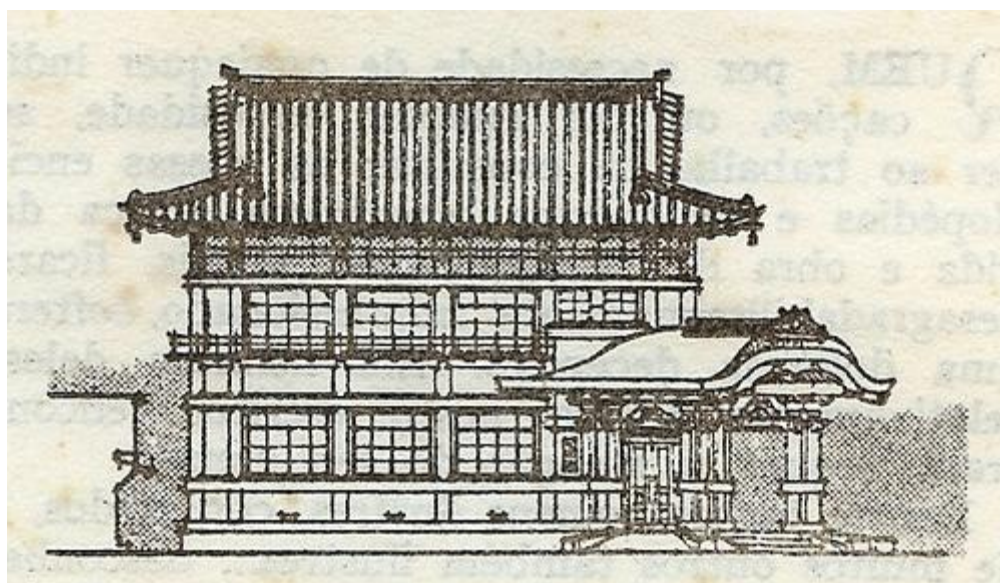
Anexo 13. A última fotografia de Wenceslau de Moraes com a sua enfermeira em Tokushima.



Anexo 14. Túmulo de Wenceslau de Moraes em Tokushima.

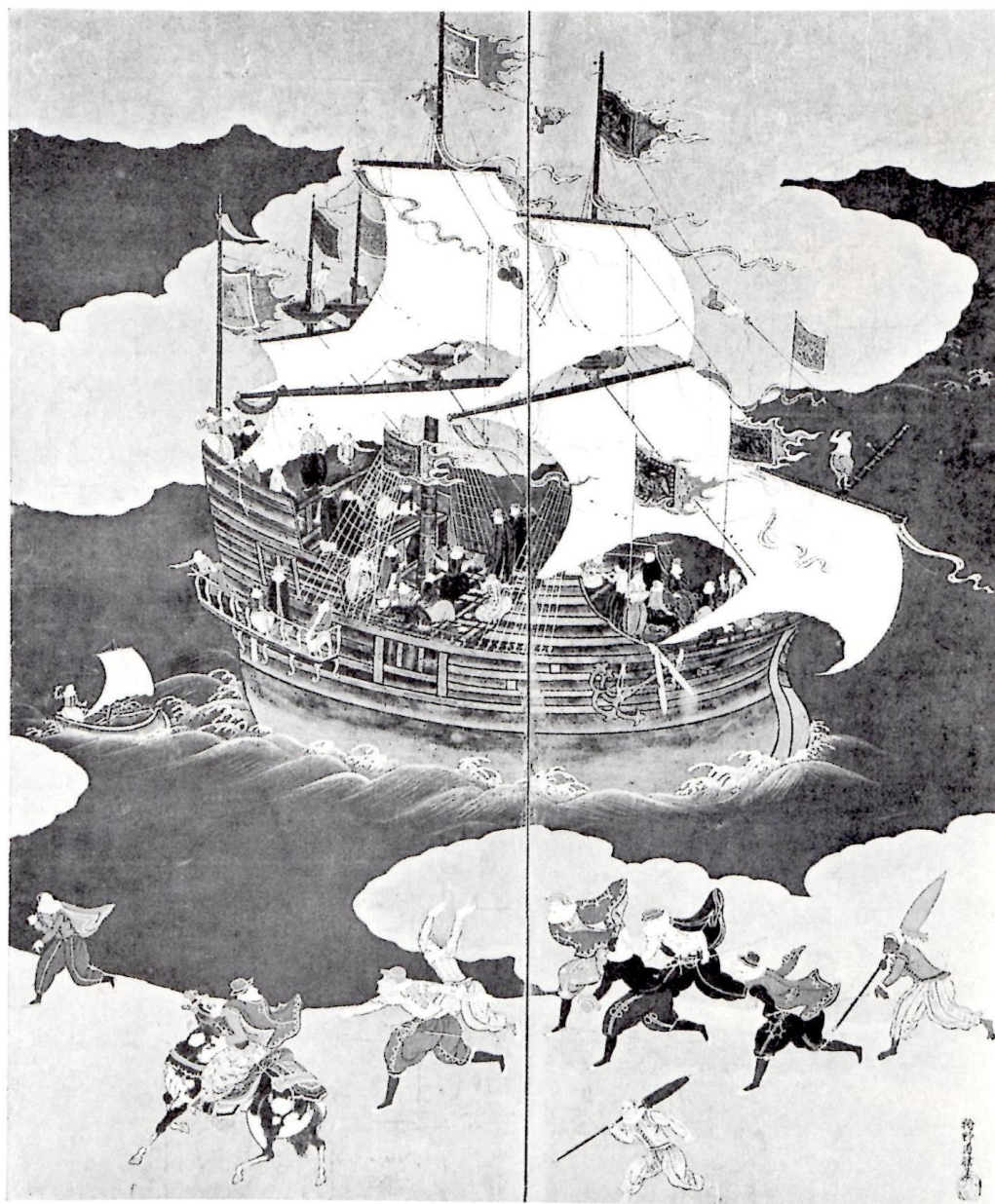


Anexo 15. Projecto da década de 1930 para um museu dedicado a Wenceslau de Moraes, em Tokushima.



2. TESTEMUNHOS HISTÓRICOS

Anexo 16. A chegada dos portugueses ao Japão (século XVI).



Chegada dos Portugueses ao Japão (arte namban, Japão, 1550-1620, Museu de Kobe)

Anexo 17. Exemplo das obras dos missionários Jesuítas no Japão.



長崎版ロドリゲス日本大文典 扉

«Arte da Língua do Japão», composta pelo padre João Rodrigues, português da Companhia de Jesus (dividida em três livros e com licença do Ordinário e superiores, em Nagasaki, no Colégio de Japão da Companhia de Jesus, ano de 1604)

3. TESTEMUNHOS DA INFLUÊNCIA DA LÍNGUA

Anexo 18. Palavras portuguesas e japonesas adoptadas por ambos os países.
(Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa: seguido de epílogo sobre as relações entre Portugal e o Japão do século XVII aos nossos dias*, Prefácio de Pedro Canavarro, 2ª edição, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.)

PALAVRAS JAPONESAS QUE PASSARAM PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

<i>Palavra portuguesa</i>	<i>Palavra japonesa</i>
Banzé	Banzai.
Biombo	Byôbu.
Bonzo	Bozu.
Bushido, ou buxido	Bushido (a arte de guerreiro).
Cana e catacana	Kana, Katakana (escrita japonesa).
Caquemono	Kakemono.
Catana	Katana.
Catangue	Katagi (costume, estilo, moda).
Chá	Tchá.
Chávena	Tchawan.
Chungaria	Shunga (livro de imagens eróticas que as noivas costumavam levar no seu enxoval).
Dáimio	Daimyo (senhor feudal).
Dógico	Dôjiku (acólito, termo budístico).
Funé	Fune (barco).
Ghaisha, ou gueixa	Geisha.
Haraquiri	Harakiri.
Iene	Yen.
Inacã	Inaka (campo, por oposição à cidade).
Japão (subst. e adj.)	Nippon.
Judo	Judo.
Micado	Mikado.
Musumé	Musumé.
Nipónico	Nippon.
Oban	Obã (pequena barra de ouro que servia de moeda entre os japoneses).
Quimono, quimão ou queimão .	Kimono.
Ronin	Ronin (samurai que não tem senhor a quem servir, samurai desempregado).
Sacana	Sakana ou sakanaya (peixe e peixeiro, provavelmente usado pejorativamente pelos primeiros marinheiros portugueses).

Samurai	Samurai.
Saqué	Saké.
Shinto, sinto ou xinto	Shinto.
Shintoísmo, sintoísmo ou xintoísmo	Shindo.
Shógun ou xógun	Shogun.
Tatami	Tatami (esteira de palha de arroz).
Toshogu ou Toxogun	Toshogun.
Vruxi	Laca, verniz japonês.

Além destes, vários outros termos japoneses foram usados, com mais ou menos frequência, pelos escritores portugueses, sobretudo pelos missionários, dos séculos XVI e XVII:

Ama	Freira budista.
Bicunin	Freira budista (vem directamente do japonês, <i>bhik-sunî</i>).
Bom	Bon (festa budista dos mortos).
Chadogu	Cha dogu (utensílio do chá).
Chanoiú	Cha-no-yu (culto ou arte do chá).
Chasitu	Sala para a cerimónia do chá.
Chaya	Casa de chá.
Cubo	Kubo (título honorífico aplicado ao imperador e ao xógun).
Cuge	Nobreza civil
Cumpu	Conselho de obras reais.
Dairi	Santuário, aplicado por extensão ao imperador.
Dojoku ou doshoku	Acólito, catequista.
Fotoque	Hotoke, Deus, espírito (budista).
Fumie	Fumie (imagem religiosa que os cristãos eram obrigados a pisar).
Furo	Banho quente.
Fusuma	Porta de correr.
Godão	Kura (armazém ou depósito).
Inro	Caixinha para remédios.
Jenxu	Zen shu (seita de budismo zen).
Kami	Espírito, deus ou deusa xintoísta.
Naguinata	Naginata (alabarda).
Pinga	Vara de bambu.
Quabacodono ou Quabaco ...	Kampaku (regente).
Tabi	Meias japonesas (que os jesuitas usavam no Japão).
Taico ou taicosama	Taiko, Taikosama (título da Corte, regente).
Tenka	Tenka (o país sob o céu — Japão).
Teno	Tenno (imperador, senhor do céu).
Tono	Tono (senhor feudal).
Tsuzzo	Tauzzi, forma antiga, tsuji, intérprete.
Zaxiqui	Zashiki, sala para receber visitas.

PALAVRAS PORTUGUESAS INTRODUZIDAS

Uma lista completa de tais termos empregados por Fróis pode ver-se em *Die Geschichte Japans (1549-1578)*, na tradução de G. Schurhammer e E. A. Viretzsch, p. XXII e segs. (Verlag der Asia Major, Leipzig, 1926).

É interessante notar que os escritores portugueses desta época, no Japão, empregavam o *k* na grafia de algumas palavras japonesas. Assim fez João Rodrigues, na *História da Igreja do Japão*, nas palavras Kioto (p. 233), Ketacay (p. 502), Gokinay (p. 234), Suky, Sukybigixô (p. 515) e outras. Os que não o faziam chegaram a inventar barbarismos impronunciáveis, como o nome Quinoxitatoguichirô (por Kinoshita Toyichiro) Coretofiunganocamidono (Koreto Hiuga-no-Kami), Xisatakurinozuquedono e outros, usados por Luís Fróis na sua *História de Japam*.

Luciano Cordeiro, nas suas excelentes notas ao livro de António Francisco Cardim, *Batalhas da Companhia de Jesus*, e Wenceslau de Moraes, escrevem sempre Nagasaki, Shogun, Masayoshi, Shinobu-Gaoka, etc., de acordo com um processo de transliteração universal, adoptado hoje em todos os países, ao qual Portugal começou a fazer excepções de há umas décadas para cá, por motivos inexplicáveis, em que predomina talvez o de um nacionalismo incompreensível.

No presente livro segue-se esta justificada tradição, que além de ser a mais racional, condiz com a prática universal seguida noutros países.

Nos nomes japoneses indicamos primeiro o nome de família, de acordo com o uso corrente no Japão, excepto quando existe um nome de baptismo europeu; os nomes japoneses modernos levam o apelido no fim, como também é uso comum nos livros escritos em línguas europeias.

PALAVRAS PORTUGUESAS INTRODUZIDAS NO VOCABULÁRIO JAPONÊS

(As palavras que levam * são de uso diário em quase todo o país; as marcadas com ** são usadas em determinadas regiões do país; e aquelas que não levam sinal algum caíram em desuso.)

Termos religiosos

<i>Abito</i>	<i>Hábito</i> **.
<i>Achirisan</i>	<i>Atrição</i> **.
<i>Adan</i>	<i>Adão</i> *.
<i>Adobento</i>	<i>Advento</i> .
<i>Amen</i>	<i>Amen</i> *.
<i>Anima</i>	<i>Anima</i> **.
<i>Anjo</i>	<i>Anjo</i> **.
<i>Anmei</i>	<i>Amen</i> **.
<i>Aposutoro</i>	<i>Apóstulo</i> **.
<i>Apparisan</i>	<i>Aparição</i> .
<i>Areruya</i>	<i>Aleluia</i> **.
<i>Arukanjo</i>	<i>Arcanjo</i> .
<i>Arutaru</i>	<i>Altar</i> ** (<i>Kiushu</i> *).
<i>Asensan</i>	<i>Ascensão</i> .

<i>Auto de fue</i>	<i>Auto-de-fé.</i>
<i>Bajirikon</i>	<i>Basilicão.</i>
<i>Bateren</i>	<i>Padre **.</i>
<i>Bateren, patere, hatere</i>	<i>Padre *.</i>
<i>Bauchizumo</i>	<i>Baptismo *.</i>
<i>Beato</i>	<i>Beato **.</i>
<i>Bensan</i>	<i>Bênção.</i>
<i>Beren</i>	<i>Belém.</i>
<i>Biburiya</i>	<i>Bíblia.</i>
<i>Biruzen</i>	<i>Virgem **.</i>
<i>Biruzen-Mariya</i>	<i>Virgem Maria **.</i>
<i>Bisupo</i>	<i>Bispo **.</i>
<i>Chirindāde</i>	<i>Trindade **.</i>
<i>Daiusu</i>	<i>Deus **.</i>
<i>Deusu</i>	<i>Deus **.</i>
<i>Dochirina</i>	<i>Doutrina.</i>
<i>Domingo</i>	<i>Dominicos.</i>
<i>Domingo (Domiigo)</i>	<i>Domingo **.</i>
<i>Ekirensa</i>	<i>Eclésia **.</i>
<i>Ekurejiva</i>	<i>Eclésia (igreja) **.</i>
<i>Entenjimento</i>	<i>Entendimento **.</i>
<i>Esame</i>	<i>Exame.</i>
<i>Esarutasan</i>	<i>Exaltação.</i>
<i>Ēsu</i>	<i>Jesus *.</i>
<i>Esuita</i>	<i>Jesuíta **.</i>
<i>Esukandaro</i>	<i>Escândalo.</i>
<i>Esukomunian</i>	<i>Excomunhão.</i>
<i>Esuperansa</i>	<i>Esperança **.</i>
<i>Esupiritosanto</i>	<i>Espírito Santo.</i>
<i>Esuterema unsan</i>	<i>Extrema-unção.</i>
<i>Eucarisuchia</i>	<i>Eucaristia **.</i>
<i>Ewanzerisuta</i>	<i>Evangelista.</i>
<i>Ewanzeryo</i>	<i>Evangelho **.</i>
<i>Furade</i>	<i>Frade **.</i>
<i>Furihisakan</i>	<i>Purificação.</i>
<i>Garasa</i>	<i>Graça **.</i>
<i>Guroriya</i>	<i>Glória **.</i>
<i>Guyorira</i>	<i>Glória **.</i>
<i>Hachiriaruka</i>	<i>Patriarca..</i>
<i>Haraiso (Paraíso)</i>	<i>Paraíso **.</i>
<i>Haraiso-Terearu</i>	<i>Paraíso terreal **.</i>
<i>Hashion</i>	<i>Paixão.</i>
<i>Hasukuwa</i>	<i>Páscoa **.</i>
<i>Hasutoru</i>	<i>Pastor (pároco).</i>
<i>Herecho</i>	<i>Herege.</i>
<i>Higura</i>	<i>Figura.</i>
<i>Idea</i>	<i>Idea **.</i>
<i>Ideya</i>	<i>Ideia.</i>
<i>Imase</i>	<i>Imagem.</i>

<i>Immorutaru</i>	<i>Imortal.</i>
<i>In-heruno (Inuhiruna)</i>	<i>Inferno **</i>
<i>In-hinito</i>	<i>Infinito **</i>
<i>Intoruzenja</i>	<i>Indulgência.</i>
<i>Iruman</i>	<i>Irmão *</i>
<i>Ishikiriban</i>	<i>Escrivão **</i>
<i>Isutoriya</i>	<i>História.</i>
<i>Ito</i>	<i>Ídolo.</i>
<i>Jabo</i>	<i>Diabo **</i>
<i>Jimpirina</i>	<i>Disciplina.</i>
<i>Jubireyo</i>	<i>Jubileu **</i>
<i>Judeyo</i>	<i>Judeu **</i>
<i>Juizo</i>	<i>Juízo.</i>
<i>Juramento</i>	<i>Juramento.</i>
<i>Karesuma</i>	<i>Quaresma **</i>
<i>Karidade</i>	<i>Caridade.</i>
<i>Karisu</i>	<i>Cálice *</i>
<i>Karuwariyo</i>	<i>Calvário.</i>
<i>Katekisuta</i>	<i>Catequista **</i>
<i>Katekizumo</i>	<i>Catecismo **</i>
<i>Katorikku</i>	<i>Católico *</i>
<i>Kerēdo</i>	<i>Credo **</i>
<i>Kereriko</i>	<i>Clérigo.</i>
<i>Kinta</i>	<i>Quinta-feira.</i>
<i>Kirishitan</i>	<i>Cristão.</i>
<i>Kirishitandade</i>	<i>Cristandade.</i>
<i>Kirishito</i>	<i>Cristo **</i>
<i>Kirisumo</i>	<i>Crisma **</i>
<i>Kirisuto</i>	<i>Cristo *</i>
<i>Kompirumasan</i>	<i>Confirmação.</i>
<i>Konchirisan</i>	<i>Contrição.</i>
<i>Kon-hesoru</i>	<i>Confessor **</i>
<i>Kon-hisan (Kohisan)</i>	<i>Confissão **</i>
<i>Konpanya (Konpanha)</i>	<i>Companhia **</i>
<i>Konsepusan</i>	<i>Concepção.</i>
<i>Konshienshiya</i>	<i>Consciência **</i>
<i>Konshiriyo</i>	<i>Concílio.</i>
<i>Kontasu (Kontatsu)</i>	<i>Contas **</i>
<i>Koroa</i>	<i>Coroa.</i>
<i>Kurēdo</i>	<i>Credo **</i>
<i>Korejio (Korejo)</i>	<i>Colégio **</i>
<i>Kurisuto</i>	<i>Cristo *</i>
<i>Korokyo</i>	<i>Colóquio.</i>
<i>Kurusu</i>	<i>Cruz **</i>
<i>Kuruzeiro</i>	<i>Cruzeiro.</i>
<i>Kuwaruta</i>	<i>Quarta-feira.</i>
<i>Kya to hekatoru</i>	<i>Guia do Pecador.</i>
<i>Machirimōniya</i>	<i>Matrimónia **</i>
<i>Machirimoniyo</i>	<i>Matrimônio.</i>